

UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC

CURSO DE ARTES VISUAIS LICENCIATURA

EDUARDA BORGES PATRICIO

**UMA EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO NO ENSINO MÉDIO: REFLEXÕES SOBRE A
CONTRIBUIÇÃO – PARA A APRENDIZAGEM – DAS LINGUAGENS ARTÍSTICAS
NA ARTE CONTEMPORÂNEA**

CRICIÚMA

2012

EDUARDA BORGES PATRICIO

**UMA EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO NO ENSINO MÉDIO: REFLEXÕES SOBRE A
CONTRIBUIÇÃO – PARA A APRENDIZAGEM – DAS LINGUAGENS ARTÍSTICAS
NA ARTE CONTEMPORÂNEA**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado para obtenção do grau de Licenciada no Curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC.

Orientadora: Prof^a Ma. Édina Regina Baumer

Criciúma

2012

EDUARDA BORGES PATRICIO

**UMA EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO NO ENSINO MÉDIO: REFLEXÕES SOBRE A
CONTRIBUIÇÃO – PARA A APRENDIZAGEM – DAS LINGUAGENS ARTÍSTICAS
NA ARTE CONTEMPORÂNEA**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de Licenciada, no Curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, com Linha de Pesquisa em Educação e Arte.

Criciúma, 26 de novembro de 2012.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Édina Regina Baumer - Mestre - Orientadora

Prof. Marcelo Feldhaus - Especialista - UNESC

Prof^a. Amalhene Baesso Reddig - Mestre - UNESC

Dedico essa pesquisa a minha família, em especial à minha mãe, que sempre me incentivou a continuar nessa caminhada. A minha amiga, irmã Cinthia pelo seu apoio incondicional. A minha professora e orientadora Édina, que me ajudou nessa conquista. A todos que de alguma forma contribuíram e se tornaram marcantes para a conclusão desse trabalho. Sobretudo, agradeço a Deus por estar aqui.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por estar sempre ao meu lado, iluminando meu caminho. Por ser precioso aos meus olhos, enquanto eu o aprecio e amo. Por me conceder a tranqüilidade, enquanto estou com ele.

Agradeço aos meus pais, Édina Borges Patrício e Lédio Patrício, e meu irmão, Mateus Borges Patrício pelo apoio e compreensão nos momentos difíceis. Porque família é tudo.

Agradeço em especial, ao meu namorado, pelo seu carinho, dedicação e compreensão. Pelas palavras, pela calma e o amor necessário na sua companhia.

Agradeço com carinho, a minha grande amiga, Cinthia, que foi meu ombro amigo nos momentos mais difíceis desta jornada acadêmica. Irmã compreensiva e dedicada que sempre me ajudou e esteve ao meu lado nessa caminhada.

Agradeço a todos que contribuíram de alguma forma na minha pesquisa e se tornaram marcantes para a sua conclusão.

Com muito carinho, agradeço em especial a minha querida orientadora Édina Regina Baumer. Compreensiva, inteligente e atenciosa, me auxiliou em todos os momentos.

Obrigada!

“Não existe talvez nenhuma obra de arte que extraia o seu encanto apenas do equilíbrio das linhas e dos tons e se dirija unicamente a vista. Também ela deve ser criada pela alma e para a alma – e exprimi-la, nutri-la, enriquecê-la.”

Huyghe

RESUMO

O presente trabalho contempla questões relacionadas à contribuição das linguagens artísticas na arte contemporânea para a aprendizagem dos alunos em arte. A pesquisa traça em seus estudos reflexões sobre uma experiência de estágio realizada no ensino médio buscando compreender qual é a influência que as diferentes linguagens artísticas provocam nas aulas de arte e qual sua importância para a construção do conhecimento dos alunos. A pesquisa foi realizada por meio de um estudo de campo na Escola de Educação Básica Jacinto Machado durante o Estágio III, com o ensino médio, buscando responder ao problema: de que forma as diferentes linguagens artísticas podem contribuir na aprendizagem sobre arte dos alunos do ensino médio? Neste processo, analiso a experiência do estágio sob uma abordagem qualitativa e faço considerações a respeito dos encontros realizados. Para tanto trago um referencial teórico que se constrói a partir de conceitos e reflexões a respeito da arte e da importância das linguagens artísticas para a formação do conhecimento do aluno, dialogando com os pensamentos e estudos de Oliveira (2008), Pareyson (2001), Buoro (1998), Ferreira (2001), Queiroz (2000), Archer (2001), Rey (2002), Andrés (2000), as Orientações Curriculares para o Ensino Médio (2006), entre outros autores. Contudo, contemplo a arte contemporânea nos relatos da experiência do estágio no ensino médio. Como resultado, percebo que os alunos do ensino médio não vivenciam práticas relacionadas às linguagens artísticas e não possuem conhecimento em relação à arte contemporânea. Penso que, ao possibilitar aos alunos vivências e experiências relacionadas às diferentes linguagens artísticas, os educandos ampliam seu repertório artístico e seu conhecimento em arte. Além de que, aprendem arte de uma forma diferenciada ampliando seu potencial criativo. Para finalizar, proponho um projeto de formação continuada, com o objetivo de proporcionar aos professores de arte, experiências relacionadas às diferentes linguagens artísticas, visando despertar o seu interesse para a contribuição que essas linguagens podem oferecer para a aprendizagem dos alunos em arte.

Palavras-chave: Linguagens artísticas. Arte Contemporânea. Ensino médio. Ensino da arte.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

| | |
|---|----|
| Figura 1: Introdução às diferentes linguagens artísticas..... | 41 |
| Figura 2: Relaxamento e movimento corporal..... | 42 |
| Figura 3: Preparação para a criação de uma performance..... | 43 |
| Figura 4: Apresentação da performance..... | 44 |
| Figura 5: Interferência em fotografia..... | 45 |
| Figura 6: Montagem da instalação com as fotografias..... | 46 |
| Figura 7: Criação de desenho surrealista..... | 49 |

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

| | |
|---------|---|
| ABEM | Associação Brasileira de Educação Musical |
| ABRACE | Associação dos Pesquisadores em Artes Cênicas |
| ANPAP | Associação de Pesquisadores em Artes Plásticas |
| ECA-USP | Escola de Comunicação e Arte da Universidade de São Paulo |
| LDB | Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional |
| OCEM | Orientações Curriculares para o Ensino Médio |
| PCN | Parâmetros Curriculares Nacionais |
| SC | Santa Catarina |
| UNESC | Universidade do Extremo Sul Catarinense |

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| 1 PARA INICIO DE CONVERSA..... | 11 |
| 2 AS LINGUAGENS DA ARTE..... | 14 |
| 2.1 CONCEITO DE LINGUAGEM..... | 15 |
| 2.2 REFLEXÕES SOBRE O CONCEITO DE ARTE..... | 16 |
| 2.3 PENSANDO, SENTINDO E DIALOGANDO COM AS LINGUAGENS DA ARTE..... | 19 |
| 3 AS LINGUAGENS ARTÍSTICAS NA ARTE CONTEMPORÂNEA..... | 24 |
| 4 A LINGUAGEM DA ARTE NO CONTEXTO ESCOLAR..... | 31 |
| 5 RELATO DA EXPERIÊNCIA DO ESTÁGIO NO ENSINO MÉDIO..... | 40 |
| 6 PROJETO DE FORMAÇÃO CONTINUADA..... | 52 |
| 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 56 |
| REFERÊNCIAS..... | 58 |

1 PARA INÍCIO DE CONVERSA

A arte nos remete a várias informações sobre o mundo que nos rodeia. Desde pequena, sempre gostei de arte em especial. Sonho, fantasia, encantamento. Um sonho que não é sonho, mas realidade. A realidade presente que vivo a cada dia nesse mundo das Artes Visuais.

Durante toda minha trajetória acadêmica, percebi que a arte é muito mais que uma linguagem. É a realidade que alimenta a criação. É o olhar que retrata o mundo. ¹Arte é dança, é música, é teatro, é performance, é pintura, é expressão. É um campo composto por diferentes linguagens artísticas repletas de conhecimento.

No processo de formação profissional, venho ao longo do curso de Artes Visuais percebendo a realidade das aulas de Artes no cotidiano escolar: como elas são realizadas, qual o tipo de profissional que atua na sala de aula, como está a aprendizagem dos alunos em relação ao mundo da arte. Assim, informalmente, fiz algumas reflexões sobre as práticas docentes nas aulas de artes, como são e como atuam os professores e o que os alunos aprendem nas aulas de artes.

Em um dos estágios curriculares do curso, percebi que as diversas linguagens artísticas fazem diferença na aprendizagem dos alunos, provocando os mesmos a criarem e a produzirem sua própria arte, relacionando-a com sua identidade, com seus sentimentos, suas expressões. Por meio de observações e registros que coletei no Estágio Curricular no Ensino médio na Escola de Educação Básica de Jacinto Machado, pude perceber que estudando e trabalhando as diversas linguagens artísticas na aula de Arte, pode-se ampliar o conhecimento dos alunos de uma forma diferenciada. Buscando refletir sobre essa observação, foi que surgiu o problema desta pesquisa: de que forma as diferentes linguagens artísticas podem contribuir na aprendizagem sobre arte dos alunos do ensino médio?

A partir dessa questão, o presente estudo traz como objetivo compreender a influência que as diferentes linguagens artísticas provocam nas aulas de arte do ensino médio e qual sua contribuição para a construção do conhecimento dos alunos.

A pesquisa se constitui norteando-se em algumas indagações: as diferentes linguagens artísticas são importantes para a construção do conhecimento

¹ Será escrita com letra maiúscula, significando a área que contempla as linguagens artísticas.

do aluno em relação à arte? De que forma as diferentes linguagens artísticas podem contribuir para que os alunos desenvolvam novas vivências e saberes básicos em arte?

Buscando compreendê-las, optei por uma pesquisa com abordagem qualitativa.

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes. (MINAYO, 2004, p. 22-23).

A pesquisa se caracteriza como de natureza básica, objetivando “[...] gerar conhecimentos novos úteis para o avanço da ciência sem aplicação prática prevista” (SILVA, 2001, p. 20) e bibliográfica, sendo “[...] elaborada a partir de material já publicado, constituído principalmente de livros, artigos de periódicos e atualmente com material disponibilizado na Internet” (SILVA, 2001, p. 20). O referencial teórico fundamenta as reflexões sobre as produções dos alunos, as quais dialogaram com as diferentes linguagens e com a arte contemporânea, durante a experiência do estágio.

Pensando nos objetivos, a pesquisa é exploratória, visando “[...] proporcionar maior familiaridade com o problema com vistas a torná-lo explícito ou a construir hipóteses” (SILVA, 2001, p. 21) e descritiva, procurando aproximações com o tema, descrevendo todo o fenômeno, as características e os componentes presentes.

Este estudo divide-se em capítulos e no início apresenta as linguagens da arte, trazendo reflexões sobre o conceito de linguagem por meio dos pensamentos de Oliveira (2008) e com as Orientações Curriculares para o Ensino Médio (BRASIL, 2006); o conceito de arte com Pareyson (2001) e Buoro (1998), sendo que também escrevo a respeito das diferentes linguagens da arte com Ferreira (2001) e Queiroz (2000). O terceiro capítulo traz reflexões sobre as linguagens artísticas na arte contemporânea, reunindo ideias de estudiosos como Archer (2001), Rey (2002) e Andrés (2000). O quarto capítulo enfatiza a linguagem da arte no contexto escolar, especialmente a partir das Orientações Curriculares para o Ensino Médio (BRASIL, 2006).

No quinto capítulo trago reflexões sobre o relato da experiência do estágio III desenvolvido em uma turma do ensino médio na E. E. B Jacinto Machado que

motivou a elaboração desta pesquisa. E ainda sugiro um projeto de formação continuada para professores antes de escrever as considerações finais.

2 AS LINGUAGENS DA ARTE

A arte é um sistema de signos e símbolos; é “uma das vias de transformação do ser humano” (ANDRÉS, 2000, p. 15). É uma linguagem universal que gera novas formas de expressar e pensar o mundo.

As diferentes linguagens da arte nos permitem demonstrar nossas impressões sobre o mundo, possibilitando ampliar nossa percepção dos sentidos, onde observar e sentir tem fundamental importância. Por meio das diferentes linguagens artísticas conseguimos nos expressar de diversas maneiras. Alguns se comunicam pela dança, outros pela música, outros pelas artes plásticas, alguns pelo teatro. Essas linguagens permitem ao ser humano comunicar algo. Uma expressão, um sentimento.

Além do mais, as linguagens da arte trazem consigo uma bagagem cultural repleta de informações e conhecimentos. Segundo os PCN do Ensino Médio (2000, p. 49),

O sentido cultural da arte vai se desvelando na medida em que os alunos da escola média participam de processos de ensino e aprendizagem criativas que lhes possibilitem continuar a praticar produções e apreciações artísticas, a experimentar o domínio e a familiaridade com os códigos e expressão em linguagens da arte.

Certamente, de acordo com os estudos do PCN do Ensino Médio (2000), entrando em contato com esse meio cultural das linguagens artísticas, os alunos trocam ideias e reflexões dentro de um contexto, compreendendo a importância da arte para a sua aprendizagem e para a construção de seu conhecimento. Conhecer as linguagens artístico-culturais favorece a articulação do processo criador. Pensar em um processo criador é perceber que ele está presente no campo da arte e em nossa vida também.

Nessa perspectiva, entender que a arte é uma forma de expressão é vê-la como um conhecimento composto por linguagens, experiências e criações. Os alunos se relacionam com tais linguagens, vivem novas experiências e se alimentam de um ensino da arte diversificado e que favorece a sua aprendizagem em relação à arte.

Os estudantes que freqüentam a escola média, ao desenvolverem fazeres artísticos por meio das linguagens e códigos da música, artes visuais, dança, teatro, artes audiovisuais, podem aprender a desvelar uma pluralidade de significados (BRASIL, 2000, p.49-50).

Fritzen e Moreira (2008), em seus estudos fazem reflexões sobre a arte como um meio que abre portas para novas aprendizagens e possibilita outras maneiras de entrelaçar conhecimentos. Afirmam que arte contribui para que o ato expressivo das pessoas possa ir além da superficialidade, possibilitando improvisar, transformar e criar caminhos que não existem. Além do mais, consideram que a arte e suas linguagens são importantes para a construção de um terreno fértil do processo criativo humano. Pois na linguagem da arte existe criação, invenção, imaginação, construção. Por meio dela, o homem transforma a matéria prima da natureza e da cultura em algo significativo. Em outras palavras, a arte é fundamental na formação humana.

Segundo Fritzen e Moreira (2008) a arte que circula entre as pessoas pode se tornar significativa na formação humana. Ela contribui para o processo de construção de conhecimento e propicia o desenvolvimento intelectual das pessoas.

A arte é uma linguagem representacional dos sentidos e ela transmite significados que não podem ser transmitidos por nenhum outro tipo de linguagem. Muitas vezes a arte mostra e fala o que a história não pode dizer. Ela é uma manifestação humana e está presente, seja nas manifestações artísticas, seja nos objetos do cotidiano, nos meios de comunicação e até mesmo na escola.

Para tanto, faz-se necessário pensar no significado dos termos: arte e linguagem; eles estão intimamente entrelaçados entre si. Ao buscar o significado desses dois termos, nos apropriamos de concepções e conceitos, porém acabamos dessa maneira definindo nossa forma de ver e sentir o mundo. O que significa então, para nós a Arte? Quais são suas linguagens e como elas se apresentam nos dias atuais?

2.1 CONCEITO DE LINGUAGEM

Sob o pensamento de Dietrich (2001), a linguagem foi originada para haver uma comunicação entre as pessoas. Por meio da linguagem, todo sujeito se expressa e se comunica no meio em que vive. Ela constitui um conjunto de signos que compõem um sistema de códigos. Já para Martins, Picosque e Guerra (1998, p. 37) “pode-se dizer que linguagem é um sistema simbólico e toda linguagem é um sistema de signos”.

Brill (1988) enfatiza em seus estudos que a linguagem é um veículo de

pensamento que ocupa um lugar principal entre os códigos. Para se comunicar com as outras pessoas, o homem utiliza códigos que o permitem transmitir informações e expressar-se no meio em que vive. O homem inicia sua aprendizagem na linguagem do seu grupo – que é seu código principal – e nos ritos e costumes que constituem o sistema do seu povo. Essa função simbólica de códigos permite que ele viva em comunidade, expressando e transmitindo para as outras pessoas, suas vivências.

A linguagem é uma maneira que temos de nos representar. Para Dietrich (2001, p. 88) “ao dominar a linguagem, o indivíduo passa a ter o instrumental necessário não apenas para a comunicação, mas também para a organização e o planejamento de suas ações, presentes e futuras”.

De acordo com as OCEM (2006, p. 181), “a linguagem tem uma função instrumental, mediando de modo transversal a experiência cotidiana, bem como a sistematização do conhecimento científico, filosófico, religioso e também o artístico”. A linguagem está ligada ao conhecimento, pois ela possibilita ao homem modos de se comunicar, se expressar, agir e pensar. Inventada pelo homem, a linguagem é uma produção cultural que nasceu por meio de práticas sociais.

Oliveira (2008, p. 77) enfatiza que a linguagem caracteriza-se por sua capacidade de falar de si mesma. “Ora, falamos (e escrevemos) sobre a “linguagem” visual por meio da linguagem verbal” porque quando criamos linhas, formas, cores e traços para falar de arte não conseguimos explicar a linguagem visual, ou seja, mesmo criando um texto visual, por meio dele não se pode falar dessa linguagem com precisão. Já “ao contrário, sobre a linguagem verbal se fala ou se escreve verbalmente, sem qualquer limitação” (OLIVEIRA, 2008, p. 78).

Ainda segundo Oliveira (2008) no que se refere às linguagens propriamente ditas, como a linguagem verbal, existe uma gramática, regras e normas específicas a serem seguidas. Por outro lado, nas linguagens artísticas, existe uma originalidade, ou seja, objetos, imagens e textos que trazem significados diferentes do que já são conhecidos.

2.2 REFLEXÕES SOBRE O CONCEITO DE ARTE

Falar em arte requer pensar no seu contexto. Ela é uma linguagem que nos permite viver aprendizagens ligadas ao sensível e nos permite sonhar, imaginar, refletir e pensar. Ela constitui modos de representação das atividades criativas dos

seres humanos dentro do mundo em que vivem e do mundo que conhecem. Entre todas as linguagens, a arte é uma linguagem que desconhece fronteiras e épocas. Seja aqui ou em outros lugares, ela traz consigo a qualidade da produção que pode existir para todo o mundo e em todo mundo.

Silva (2006, p. 41) nos diz que “a arte expressa o sentir, concretizando os sentimentos de uma forma que possam ser percebidos [...]”. Assim, podemos perceber que arte nos faz buscar o entendimento de questões conceituais, pois ela é uma linguagem que nos permite expressar o que sentimos por meio de símbolos. “[...] A arte é para ser sentida”. (SILVA, 2006, p. 19).

A arte é uma forma de o homem entender o contexto ao seu redor e relacionar-se com ele, pois ela nos permite a expressividade de ideias e informações e também de sentimentos, possibilitando para cada um o momento de apreciar, compreender, criticar e também criar.

Certamente, como nos diz Pareyson (2001, p. 22) “[...] a arte é expressão”. Assim, em um de seus livros, traz reflexões a respeito das definições da arte, concebendo a arte ora “[...] como um fazer, ora como um conhecer, ora como um exprimir” (PAREYSON, 2001, p. 21). Segundo o autor, essas definições ora contrapõem-se e ora combinam-se, mas prevalecem no conceito de arte.

De acordo com os estudos de Martins, Picosque e Guerra (1998, p. 34) “antes mesmo de começar a escrever, o homem expressou e interpretou o mundo em que vivia pela linguagem da arte”. Há muito tempo atrás, as cavernas úmidas, eram os ateliês dos homens pré-históricos.

Diante dos mistérios do que lhe era desconhecido, o artista retirava-se para ficar a sós na caverna. Por dias e dias, nela habitava, desvendando, pelo fazer das mãos e pela força imaginante, o que não compreendia, mas sonhava compreender. (MARTINS, PICOSQUE, GUERRA, 1998, p. 34).

Antes mesmo de saber o que era a arte, o homem pré-histórico reproduzia imagens nas paredes das cavernas para revelar o conhecimento que ele tinha do mundo em que vivia. Durante dias e mais dias, fazia de suas mãos um pincel que desenhava naquelas paredes. A caverna foi o local em que esse artista se sentia seguro enquanto criava. (MARTINS, PICOSQUE e GUERRA, 1998).

As autoras afirmam que essas imagens que ficavam registradas nas paredes e revelam o conhecimento que o homem construiu do mundo em que ele se situava naquela época. O homem teve de criar imagens de animais selvagens para apropriar-se simbolicamente do ambiente em que ele vivia. E foi por meio das

representações visuais que ele deu novos significados a essas formas selvagens que conhecia. Assim, desde as pinturas nas cavernas até a atualidade, o homem trilha um caminho rodeado de meios de comunicação, sistemas de representação do mundo, sistemas simbólicos e linguagens.

Nesse sentido, Buoro (1998, p. 20) traça a sua fala sobre as imagens nas cavernas dizendo que

[...] estas são imagens transformadas a partir de um olhar, com certo domínio do espaço e do tempo. Elas estão ligadas não só ao próprio sustento do homem, mas a experiências coletivas e sociais, advindas de rituais, crenças, gestos e danças, materializadas por meio de sistemas de signos.

A arte como linguagem se faz presente desde as primeiras manifestações de que se tem conhecimento. Pareyson (2001) nos diz que na antiguidade, período que se estendeu desde a criação da escrita até o Cristianismo, a definição de arte já se apresentava de uma forma diferente: não havia distinção entre a arte propriamente dita e a técnica utilizada pelos artesãos. Tudo era contraditório, quando se falava em aspecto executivo e manual. Já no romantismo, a arte consistia na beleza da expressão. No ocidente, a arte era entendida “[...] como visão da realidade: ou da realidade sensível na sua plena evidência, ou de uma realidade metafísica superior e mais verdadeira, ou de uma realidade espiritual mais íntima, profunda e emblemática” (PAREYSON, 2001, p. 22). Cada época cria um conceito de arte.

Podemos nos referir a várias épocas, movimentos artísticos e estilos como o Impressionismo, o Surrealismo, o Rococó, o Romantismo, a Pop Art e muitos outros momentos históricos, que existiram no tempo e deixaram suas marcas na arte e que atualmente estão presentes em nossa vida de alguma forma. Conforme nos fala Jorge Coli (1990, p. 112-113),

A arte nos propõe uma viagem de rumo imprevisto - da qual não sabemos as conseqüências. Porém, empreendendo-a, o que conta não é a chegada, é a evasão. Buscamos a arte pelo prazer que ela nos causa. [...] Transformando nossa sensibilidade, ela transforma também nossa relação com o mundo.

A arte é importante em nossa vida. Ela está sempre em movimento. Mas dizer o que é arte é algo difícil. A Arte é a expressão do belo. É algo lindo, especial, significativo, agradável como também pode ser algo feio, desagradável, estranho, que expressa e representa muitas coisas de nossa vida.

Segundo Buoro (1998), a arte enquanto linguagem é considerada importante para o desenvolvimento da consciência humana, pois ela permite que o homem entre em contato consigo mesmo e com o mundo que o rodeia. A arte é uma linguagem significativa. É importante para a formação humana. Ela não nos remete a significados conceituais mas a sentimentos do mundo em que vivemos. Sendo assim, quando se fala em arte como linguagem, Kant (2008, apud BAUMER, 2009, p. 26) nos diz que, a arte é

O modo de expressão de que os homens se servem no falar para comunicarem-se entre si tão perfeitamente quanto possível, isto é, não simplesmente segundo sensações. Este modo de expressão consiste na palavra, no gesto, e no som (articulação, gesticulação e modulação).

Entendendo a arte como uma atividade do homem no mundo, Buoro (1998) nos diz que ela é vida e, por meio dela, o homem interpreta sua própria natureza construindo formas, ao mesmo tempo se descobrindo, inventando, figurando e conhecendo. Sem dúvida, poderíamos dizer o que é arte. Porém, primeiramente é preciso entender que a arte não é algo que está dissociado do mundo, mas pelo contrário, é uma linguagem que expressa o momento em que se vive. “Conceituar arte não é uma tarefa fácil. No entanto, aquele que a realiza ou a estuda sempre tem dela uma concepção, mesmo que inconsciente” (BUORO, 1998, p. 25).

A arte é uma linguagem que permite ao ser humano expressar emoções, desenvolver a imaginação, a percepção, a realidade crítica e também a capacidade criadora de perceber e compreender a realidade em que vivemos. Ela é uma maneira de o homem explorar, construir, aumentar seu conhecimento e desenvolver suas habilidades. Pensar no ensino da arte é também pensar em todo o seu processo, seus conceitos, seus contextos e suas linguagens. As linguagens da arte nos permitem vivenciar no espaço escolar a emoção, a criação, a produção e novas formas de aprendizagem. Poder-se-ia então dizer que essas linguagens se tornam importantes para a construção do conhecimento? Elas podem contribuir para a aprendizagem dos alunos?

2.3 PENSANDO, SENTINDO E DIALOGANDO COM AS LINGUAGENS DA ARTE

A linguagem da arte é constituída de elementos que se relacionam e expressam uma mensagem para as pessoas. Falar sobre arte nos remete a uma

necessidade de falar sobre suas linguagens. “A arte é uma forma de criação de linguagens: a linguagem visual, a linguagem musical, a linguagem cênica, a linguagem da dança e a linguagem cinematográfica, entre outras (MARTINS, 1998, p. 41). Segundo os PCN (2000), essas linguagens artísticas são constituídas de signos, como os visuais, sonoros e corporais e são fundamentais na formação artística do ser humano.

Ferraz e Fusari (1992) ressaltam que no campo das artes visuais se fazem presentes diferentes manifestações artísticas como a fotografia, o teatro, a dança, a gravura, o cinema, as artes gráficas, a computação etc. E cada uma dessas manifestações representa visualmente formas, cores e expressões. As artes visuais refletem aquilo que é percebido por nossos olhos de uma forma criativa.

Conforme a Proposta Curricular de Santa Catarina (1998, p. 199) no que se refere às artes visuais “a produção artística é uma experiência poética, na qual a técnica e a produção articulam significados e experimentação de suportes e materiais variados, e na construção de formas visuais em espaços bidimensionais e tridimensionais”.

Entretanto, quando nos referimos às artes visuais, à música, à dança, ao teatro, à escultura, à pintura e tantas outras formas artísticas estamos falando de linguagens que aguçam nossos sentidos e provocam sensações diversas nas pessoas, ainda que cada forma de expressão tenha suas especificidades.

Quando falamos em linguagem teatral, estamos falando de uma arte que envolve personagens, histórias, lugares e pessoas. Segundo Ferreira (2001) o teatro é uma forma de arte pela qual as pessoas representam um acontecimento vivido ou imaginado por meio de personagens. O teatro é a arte do espetáculo vivo e desperta no público sentimentos e expressões.

A linguagem teatral não se confunde com o texto. O teatro se caracteriza por uma pluralidade de linguagens dos sistemas de signos que utiliza. O espetáculo envia ao espectador um conjunto de mensagens através destes signos, que são a cenografia, as luzes, os trajes, o movimento do ator, o gesto, o discurso, o texto do ator, a música etc. Todas essas linguagens artísticas que integram o espetáculo compõem a posta em cena, ou seja, tudo que se “põe em cena”. Durante o espetáculo essas mensagens aparecem e desaparecem, às vezes permanecem o tempo todo, às vezes se sobrepõem, obedecendo aos critérios que o diretor estabelece. (FERREIRA, 2001, p. 146).

O teatro é uma linguagem que necessita do trabalho coletivo para se pôr de pé. Não existe teatro sem atores, sem figurinos, sem cenário, sem público. Não é

uma atividade solitária. Ao mesmo tempo, precisa ser feito e refeito todos os dias, a cada espetáculo. No palco, na rua ou na escola cada representação é única.

Entre os caminhos das linguagens artísticas, torna-se necessário falar sobre outra linguagem: a dança. Segundo Brikman (1989) a dança é uma linguagem que fala através do corpo humano, da clareza do movimento, da articulação e da comunicação. A dança é uma linguagem que expressa os nobres e profundos sentimentos da alma humana.

Para buscar a compreensão da dança como linguagem devemos pensar em processos de relação. Linguagem, em sentido semiótico amplo, é um sistema organizado de geração, organização e interpretação da informação, ou seja, um meio de comunicação que utiliza signos. Sendo linguagem, a dança é um sistema de organização que possui a possibilidade de selecionar e combinar as informações e os elementos que a constituem. São as relações de complementaridade que definem a dança como linguagem (XAVIER, 2007, p. 10).

Brikman (1989) nos diz que a dança é uma linguagem harmônica que estuda os movimentos e possibilita o desenvolvimento de uma idéia, de um sentimento, de uma expressão. Trabalha o corpo, o espaço, a percepção, o tempo. A autora ainda diz que o desenvolvimento dessa linguagem permite que as pessoas conheçam mais sobre si mesmas e sobre sua personalidade.

Por outro lado, é importante salientar a importância de outra linguagem artística, a música. Assim como as artes visuais, a dança e o teatro, a música é uma arte social ligada a sua época e ao seu lugar. Segundo Dietrich (2001) ela é considerada como uma fonte de estímulos, de equilíbrio e de felicidade para as pessoas. Assim, como as outras linguagens, a música é uma forma de expressão diversificada que está presente em todas as culturas.

Ao falar em música, Dietrich (2001, p. 86) diz que ela “[...] é entendida como uma linguagem artística e, como as demais linguagens, é possuidora de um código específico de comunicabilidade”. A linguagem musical é composta e organizada a partir de sons que formam um sistema simbólico. Sons que permitem que as pessoas suscitem suas lembranças, memórias e vivenciem novas experiências.

Para Queiroz (2000, p. 15), “a música, enquanto arte tem a capacidade de, por meio da satisfação sensorial, impressionar uma pessoa e fazer com que sua sensibilidade relaxe e se abra”. No entanto, o autor diz que algumas pessoas não escutam a música que ouvem e também não dedicam seu tempo para ouvi-la. Ao

escutar sons estabelecemos relação com que estamos ouvindo. Queiroz (2000, p. 32) diz que “quando ouvimos sem escutar, isto é, sem colocar a atenção sobre o sentido auditivo, nos tornamos passivos a tudo o que se passa no universo sonoro. Este é o estado em que vivemos praticamente todo o tempo”.

Além de serem importantes por si só, essas linguagens da arte estão presentes nas concepções atuais de arte. Nessa direção os estudos de Baumer (2009, p. 44), mostram que “a arte [...] contemporânea apresenta-se híbrida, com criações que envolvem as múltiplas linguagens da arte. O trabalho de Arnaldo Antunes, artista plástico, músico e poeta, por exemplo, mostra o hibridismo na arte contemporânea brasileira”.

A hibridização de linguagens é um meio que pode enriquecer o universo da representação cultural por meio de novas possibilidades que ainda não foram exploradas. Penso que em meio a esse hibridismo, as produções artísticas acabam criando uma intercomunicação entre si, relacionando-se.

Para Zanelatto (2009, p. 19)

a hibridização de modalidades e categorias artísticas da arte contemporânea resulta no uso de diversos materiais alternativos e também de novas tecnologias eletrônicas, que podem proporcionar a experimentação de diversos tipos de sensações, trabalhando os sentidos.

As linguagens e os meios se misturam, interligando seus signos dentro desse processo de hibridização. Nesse sentido, Zanelatto (2009) enfatiza que, essa interligação que acontece entre as criações e as linguagens artísticas nos permite perceber que uma mesma obra, por exemplo, pode apresentar diferentes significados dentro do mesmo contexto em que ela se insere. E que esse processo de hibridização presente na arte contemporânea se apresenta como uma interação entre as linguagens e que essa arte se preocupa mais com as reflexões que uma obra pode despertar no espectador, do que ser agradável com os olhos de quem a vê.

Ao falar em arte contemporânea, Cocchiarale (2006) enfatiza que a maioria das pessoas dizem não entendê-la, pois a acham estranha. E outros com conhecimento a respeito, preferem outros estilos artísticos. Cocchiarale (2006), ainda diz que, se a arte contemporânea dá medo, é porque ela é abrangente demais e está muito próxima da vida. Certamente, a arte contemporânea nos causa certo

‘estranhamento’² com suas manifestações, que se expressam por meio de diferentes linguagens presentes no meio em que vivemos.

² Ao mesmo tempo em que a arte contemporânea nos assusta, ela também nos fascina. É uma arte que abre ao nosso olhar um jogo de dualidades que está presente no nosso cotidiano. De acordo com Koneski (2007, p. 81), "o estranhamento na arte contemporânea nos apresenta o "outro" que existe em nós seres humanos e isso ameaça a estabilidade de todos os nossos conceitos".

3 AS LINGUAGENS ARTÍSTICAS NA ARTE CONTEMPORÂNEA

Para falar das linguagens artísticas contemporâneas, torna-se necessário entender, o que é a arte contemporânea? Pergunta que pode não ser tão discutida freqüentemente, mas que pode ser definida de várias formas. É difícil falar em uma definição exata para estabelecer um significado para a arte contemporânea, porém ao falar em algo contemporâneo pensa-se em algo novo, em novas ideias e pensamentos, em símbolos, traços, algo diferente. Algo que não é o que costuma ser. Em uma expressão moderna de pensamentos e ideias. E ainda, em um protesto, algo estranho, coisas do cotidiano.

Cauquelin (2005) nos diz que quando falamos em arte contemporânea, simultaneamente estamos falando do aqui, do agora, de uma certeza sensível que não pode ser captada diretamente. É uma arte caracterizada pela liberdade que o artista tem de exercer o seu trabalho, sem se preocupar com qualquer limitação. Nesse sentido concordamos que

a arte contemporânea abre para uma experiência de muitas interrogações, de muitas inquietações e estranhamento. Devemos dizer que esse estranhamento não é peculiar apenas de um determinado público, ou seja, mais ou menos letrado. Não se resume aos que entendem de arte, ou aos que não entendem de arte. Mesmo porque, antes, as perguntas seriam: o que é entender de arte hoje? O que é arte hoje? Como ler a arte hoje? São perguntas que não se limitam apenas aos teóricos da arte. A questão, ao nosso ver, está na produção e na recepção da arte contemporânea, que na sua grande parte nos instala numa situação de desconforto (KONESKI, 2008, p. 19).

Koneski (2007) diz que, o problema com o qual nos deparamos na abordagem da arte de nosso mundo atual, é o fato de que nos encontramos diante de uma barreira que dificulta o acesso a leitura dessa arte. Desconforto, solidão, estranhamento. Nossas ideias se tornam estranhas diante das formas com que se apresentam as obras contemporâneas. Atualmente, nos deparamos a todo o momento com críticas em relação à arte, pois a arte muda e está sempre inovando.

As artes não se encontram mais dentro dos modelos, dos critérios, ou até mesmo dos materiais que as mantinha há tempos atrás. A todo o momento, estamos refletindo, construindo e reconstruindo pensamentos para entender a arte contemporânea. Segundo Rey (2002, p. 130)

na arte contemporânea, o conceito de linguagem ultrapassa as categorias fundamentadas nas técnicas e consubstancia-se na colocação em cena de uma série de códigos formais ou visuais, sejam eles concretos ou em nível

de representação, assim como na articulação de significados através dos quais o artista manifesta sua subjetividade como uma essência que se comunica na – não pela – configuração formal e semântica da obra de arte. A linguagem do artista não se evidencia apenas na objetividade de uma proposta ou nas suas intenções conscientemente formuladas. A linguagem identifica-se com a subjetividade individual e acaba se revelando como uma “verdade” ou essência que se manifesta na obra, evidenciada pela maneira de fazer própria àquele artista, extrapolando, na maioria das vezes, suas próprias intenções.

Koneski (2007) fala que ao longo dos anos, a arte passou por diversas transformações, que modificaram seu significado. Deixou-se de ser expressão de pensamento para se abrir a uma multiplicidade de leituras. Para tanto a arte acabou norteando-se pelo estranhamento. Assim, salientando que a arte contemporânea habita um espaço de interrogações e inquietações diante do mundo em que vivemos, torna-se importante também enfatizar as linguagens artísticas que estão presentes nesse espaço contemporâneo.

Ao falar em corpo, espaço e público traça-se algumas interpretações e compreensões sobre uma das linguagens contemporâneas: a performance. Pode-se dizer que nessa linguagem o artista usa seu corpo diante do público. No entanto, “a incorporação de comportamentos performáticos não é uma prática nova no campo artístico” (PELED, 2007, p. 66). No início da década de 60, a performance já reivindicava seu reconhecimento como expressão artística. Ela apresenta-se tanto na Arte Moderna como em trabalhos de vários artistas contemporâneos. Busca situações de deslocamento de pessoas para um espaço institucional artístico cuja ação performática se aproxima do aspecto teatral pelo fato da apresentação ser ao vivo. Pode também apresentar outros tipos de deslocamentos que acontecem por meios fotográficos, vídeos e filmes, os quais são transferidos para um espaço de arte.

Entende-se que na performance “[...] a obra é geradora de linguagem através da elaboração de códigos formais, abstratos ou concretos e do processamento de significados” (REY, 2002, p. 131). Na performance onde o corpo é a tinta, é ele que sente, é ele que faz e recebe o gesto. A obra acontece no próprio corpo e apropria-se de diversos conceitos atuais. Artistas contemporâneos não lidam com o corpo como tela. Nas obras contemporâneas, em suas sensibilidades diversas, o corpo assume os papéis de sujeito e objeto.

O jogo ou a interdependência entre o espaço-tempo do mundo, a “obra” e o espectador constitui a complexa trama que as proposições contemporâneas agenciam, trama que muitas vezes (intencionalmente ou não) provoca

estranhamento, desconforto e perplexidade em quem solicita e/ou no contexto/espaço-tempo em que acontece. (STOLF, 2007, p. 76).

A produção artística contemporânea solicita uma multiplicidade de experiências e procedimentos. Stolf (2007, p. 76) traz em seus estudos um pensamento do autor Alberto Tassinari (2001) o qual assinala que, “[...] uma obra contemporânea não transforma o mundo em arte, mas ao contrário, solicita o espaço do mundo em comum para nele se instaurar como arte”. Esse pensamento remete ao conceito de mais uma linguagem presente no mundo contemporâneo, a instalação. Sendo considerada como uma nova expressão artística em que o espaço torna-se parte da obra, essa linguagem implica um estado, um modo como se está situada em relação a determinado ambiente onde há coisas, matérias e pessoas. E esse espaço, as pessoas, o espectador ou o próprio artista, constroem um acontecimento que não utiliza apenas tinta, pincel ou algum metal, mas ar, luz, som, palavras, pessoas, comida e várias outras coisas.

Lamas (2007) enfatiza em seus estudos que a instalação é concebida como um conjunto de dimensões muitas vezes arquiteturais que propõem ao espectador imergir numa situação. Ela quase sempre é provisória e efêmera. Está instalada num espaço, mas tem um tempo de duração. A instalação, enquanto linguagem artística, é uma construção de lugares em que o espaço de exposições se encontra integrado ao objeto e o objeto depende dele.

Archer (2001) comenta sobre outro estilo relevante dentro da arte contemporânea, a Pop Art, que surgiu por volta do começo da década de 60, explorando temas extraídos de uma banalidade que estava presente em alguns lugares urbanos dos Estados Unidos. Andy Warhol e suas repetições de latas de sopa e garrafas de Coca-Cola representaram parte da ironia dessa arte. Arte que tratava de uma espécie de situação social. Ao falar em Pop Art, Archer (2001, p. 11) diz que

[...] sua própria banalidade era uma afronta a seus críticos. Sem uma evidência mais clara de que o material havia passado por algum tipo de transformação ao ser incorporado à arte, não se podia dizer que a própria arte oferecia qualquer coisa que a vida já não proporcionasse.

Além da Pop Art, Archer (2001) apresenta em seus estudos outro estilo que se fez presente na arte contemporânea: o minimalismo. Segundo o autor, esse estilo pode ser entendido como uma continuação da pintura por outros meios. Com aparência monocromática e impessoal, as obras minimalistas estão cheias de arte.

O aspecto vazio dessa arte era sintomático do que era visto diante das atitudes estéticas tradicionais. A arte minimalista não dependia de uma semelhança ilustrativa para representar alguma coisa. “[...] Ela não era metafórica, nem se oferecia como o símbolo de nenhuma verdade espiritual ou metafísica” (ARCHER, 2001, p. 50).

Nessa perspectiva, Batchelor (1999, p. 6) enfatiza que desde a década de 1960, “[...] o adjetivo minimalista tem sido estirado em todas as direções para cobrir um conjunto tão amplo de escultura e pintura (e outras formas de arte) que perdeu quaisquer limites a que alguma vez possa (ou não) ter se proposto”. Segundo ele, todo trabalho com aparência geométrica, abstrata e monocromática era considerado como minimalista.

Pensando em outro estilo de arte contemporânea, os Happenings, Andrés (2000, p. 44) nos diz que, “o happening tornou-se uma das grandes formas de desafio popular”. Segundo a autora, happenings eram grupos de pessoas que desenvolviam encenações nas ruas, criando situações e misturando-se com o povo. Em suas apresentações envolviam diferentes linguagens como o teatro, as artes plásticas, a dança e a música. Os happenings buscavam conscientizar as pessoas dos problemas que aconteciam no mundo como a guerra, a destruição, a violência e outros.

No happening o espectador era também ator e, de acordo com suas reações, as cenas se modificavam. O objetivo era vivenciar a experiência criadora em sua totalidade, provocar reações por meio do choque, do escândalo, do ridículo, do poético. Os artistas abandonavam a reclusão dos lugares fechados, guardavam as telas e adotavam como campo de ação as praias, as estradas, as ruas cheias de transeuntes. Buscavam uma arte desmaterializada, que não podia ser guardada em museus nem adquirida por colecionadores (ANDRÉS, 2000, p. 44).

Poder-se-ia dizer que os happenings eram considerados artistas rebeldes. Segundo Andrés (2000), eram rebeldes, pois eram inconformados com a comercialização e a exploração da arte. Na década de 1960, no Brasil, vários artistas e alguns críticos se reuniram e organizaram happenings nas ruas contra a repressão militar. Essa manifestação dos happenings foi um sinal de protesto para conscientizar a população do que estava acontecendo atrás das prisões em meio a violência das leis em relação à arte.

Durante o período do governo militar no Brasil, os happenings se ligaram a uma política radical da denúncia, para poder manifestar suas ideias. Assim,

manifestações de arte começaram a surgir envolvendo a participação do público. Por meio dessas manifestações as pessoas descobriram novos valores e formas de criar, compartilhando a paz, dentro de uma sociedade envolvida pela violência (ANDRÉS, 2001).

Por outro lado, falando em ideia e pensamento, surge outro período marcante na história da arte, a arte conceitual. De acordo com os estudos de Archer (2001, p. 87), “a arte conceitual propunha que as imagens podem ser reconhecidas como análogas à linguagem: uma obra de arte pode ser lida. O inverso é igualmente verdadeiro: as palavras podem funcionar de um modo análogo ao da imagem”.

Cauquelin (2005, p. 134) ao falar da arte conceitual nos diz que houve uma separação entre a atividade artística e a estética.

O divórcio entre a estética e atividade artística tornou-se definitivo. Agir no domínio da arte é designar um objeto como ‘arte’. A atividade de designação faz a obra existir enquanto tal. Pouco importa que ela seja isto ou aquilo, deste ou daquele material, sobre este ou aquele suporte, feita à mão ou já existente, pronta. Nesse aspecto, reconhecem-se as proposições duchampianas. Elas se desenvolvem na direção de um trabalho sobre a própria designação: a designação pode se decompor em uma pesquisa sobre a nomenclatura – ou seja, sobre a linguagem – e em uma pesquisa sobre a exposição, pois designar é também mostrar – são os locais de intervenção da obra que estão agora em questão.

Ainda de acordo com a autora, em arte conceitual, a ideia ou o conceito é o mais importante aspecto da obra. A ideia torna-se uma máquina de fazer arte, já que a execução é considerada apenas uma questão superficial. Esse estilo de arte exige uma atenção e participação mental por parte do espectador.

Outra importante linguagem para se falar na contemporaneidade, é a dança contemporânea. A dança é sempre gerada por diálogos e marcada por uma simultaneidade de ações. Segundo Xavier (2007, p. 16)

é possível dizer que uma dança é contemporânea por apresentar aspectos históricos atuais, por deslocá-los e relacioná-los de um modo diverso o concebido anteriormente. Mas nem toda dança que ocorre no momento presente é contemporânea. Esta parece carregar a urgência de compreender e transformar o que existe no mundo hoje, propondo mais questões do que respostas.

A dança contemporânea articula diferentes linguagens e mídias como a música, pintura, o teatro, o cinema e o vídeo. “Trata-se de uma dança que desafia as classificações habituais e coloca em questão o caráter das representações artísticas e a própria definição do termo” (XAVIER, 2007, p. 17). Certamente, essa linguagem contemporânea não possui um conceito único, já que sua principal qualidade é a

diversidade de pensamento e expressão. Explorando o corpo e a cena, o meio contemporâneo constrói uma linguagem que permite a convivência da diversidade. Não há padrão corporal. Altos, baixos, magros, gordos, enfim todos podem dançar.

Além da dança, fala-se também em outra linguagem contemporânea, a música. Contudo, é necessário compreender de qual música estamos falando, já que existem diferentes entendimentos para esse termo. De acordo com Zagonel (2007, p. 39),

[...] nos meios acadêmicos, ao se usar a expressão música contemporânea, pensa-se em um tipo específico de criação musical, uma estética musical que teve seu nascimento no início do século XX e que provocou diversas mudanças, inclusive na concepção e nas definições mais intrínsecas do que seja a arte dos sons. Ela colocou em questão vários aspectos já consagrados e tidos como definitivos na música.

Zagonel (2007) diz que, a partir do século XX, os sons musicais já eram bem diferentes daquilo que se produzia até o fim do século XIX. Não se produzia apenas uma tendência ou um estilo, mas vários como o impressionismo, expressionismo, pontilhismo, atonalidade, música concreta, eletrônica, minimalismo e outros. Diversas mudanças ocorreram nos elementos musicais, devido ao desenvolvimento da música ao longo do século XX. A música contemporânea não dependia mais de melodia. Não se baseava mais em tonalidades.

A música contemporânea caracteriza-se por ser algo novo, uma descoberta de novos sons diferentes do que já se conhece até então. Ao entrar em contato com esse estilo musical, o sujeito tem a possibilidade de conhecer novos sons musicais por meio de uma diversidade de materiais sonoros e outros modos de tocar os instrumentos (ZAGONEL, 2007).

Segundo Rey (2002) a arte contemporânea traz consigo a ausência de parâmetros estabelecidos. Não existem regras e nem um corpo teórico que estabeleça um caminho para o artista contemporâneo. Com efeito, Cauquelin (2005, p. 161) diz que,

[...] aonde quer que se vá, não importa o que se faça para escapar, a arte está presente em toda parte, em todos os lugares e em todos os ramos de atividade. Querendo-se ou não, a sociedade tornou-se 'uma sociedade cultural'. No nível artístico, as conseqüências são tão perturbadoras quanto à confusão que se opera no espírito de público.

Nardin e Ferraro (2001) enfatizam que é importante refletir sobre a presença da arte contemporânea na escola. Sabe-se que é difícil trazer para o ensino a arte contemporânea, pois é uma vivência da atualidade. Porém, também

falta no ensino da arte experiências mais significativas com arte e suas diferentes linguagens. Assim as autoras (2001, p. 213) enfatizam que

se a música pop, o filme, a história em quadrinhos, o videoclipe e a propaganda desempenham papel tão importante no cotidiano do adolescente, representando um bom filão de sua bagagem pessoal, por que não aproveitá-los como ponte para um diálogo com a arte contemporânea?

Assim, penso que trazer a arte contemporânea para dentro do espaço escolar é uma maneira de provocar certa ruptura dos velhos estereótipos presentes na escola, permitindo que os alunos entrem em contato com diversas linguagens artísticas. E do mesmo modo, é importante também propiciar aos alunos condições e maneiras para que essas linguagens possam interagir e manter relações com produções vinculadas à história da arte, a cultura e aos vários aspectos que se fazem presentes em nossa vida rotineira. Enfim, é fundamental pensar a presença da arte contemporânea voltada para o cotidiano das pessoas e para a sensibilidade que se faz presente em nossa época atual. Mas, de que forma as diferentes linguagens artísticas podem contribuir na aprendizagem sobre arte dos alunos do ensino médio?

4 A LINGUAGEM DA ARTE NO CONTEXTO ESCOLAR

A linguagem da arte, dentro de seu contexto histórico traz consigo algumas formas de saber como, o saber filosófico, o histórico, social e o científico. E dentro desse olhar histórico, vale lembrar que essa linguagem, foi compreendida em diversas tendências pedagógicas em meio ao trabalho docente. Segundo Schramm (2001, p. 20), precisamos “[...] conhecer as tendências que influenciaram o ensino e a aprendizagem da arte ao longo da história, para poder entender a situação da arte-educação no contexto atual”.

Desse modo, dentro do contexto escolar, mostra-se um panorama apresentado em relação a essas tendências. Inicialmente podemos falar sobre a pedagogia tradicional, onde “o ensino da arte era claramente hierarquizado nos seus conteúdos e em relação ao seu público-alvo. A arte era estudada em academias de belas-artes e conservatórios de música. [...]” (BRASIL, 2006, p. 170). Nessa mesma perspectiva as OCEM (2006) nos dizem que a arte era considerada como uma atividade extracurricular para fixar e expressar conteúdos de outras matérias. Aprender música era decodificar partituras musicais. As atividades cênicas eram vistas apenas em datas festivas, desenvolvendo valores cívicos e morais. E a dança ainda não tinha uma construção pedagógica no ambiente escolar.

Na sequência, é oportuno mencionar que segundo estudos das OCEM (2006) que, após esta tendência, surgiu a escola nova, onde o ensino centrou-se no aluno e a arte foi utilizada para a emoção, criatividade e solução de problemas. Pillotto (2001 apud FERRAZ e FUSARI, 1992, p. 28) nos diz que,

do ponto de vista da escola nova, os conhecimentos já obtidos pela ciência e acumulados pela humanidade não precisariam ser transmitidos aos alunos, pois acreditava-se que, passando por esses métodos, eles seriam naturalmente encontrados e organizados.

Schramm (2001 p. 28) segue sua fala dizendo que não havia mais “[...] cópia de modelos” nessa tendência pedagógica. Mas, criatividade, expressão, sensibilidade e respeito pelo aluno e pode-se afirmar que essa tendência também está presente em nossos dias influenciando as aulas de arte.

Voltando-se para uma aprendizagem contextualizada e para a crítica político-ideológica dos conteúdos na escola, aparece a pedagogia crítica. De acordo com as OCEM (2006 p. 173), essa pedagogia estava relacionada com as classes desfavorecidas e marginalizadas, como os índios e os negros. Assim, “a pedagogia

crítica vincula-se mais diretamente aos movimentos sociais, culturais e artísticos de resistência à ditadura militar”. Nessa pedagogia, o teatro foi uma linguagem bastante atuante.

Schramm (2001) ressalta que depois de algumas tentativas por mudanças nas áreas social, educacional e cultural, aparece a pedagogia tecnicista, onde o homem é o produto do meio. A educação atua, assim, no aperfeiçoamento da ordem social vigente (o sistema capitalista), articulando-se diretamente com o sistema produtivo. Para tanto emprega a ciência da mudança de comportamento, ou seja, a tecnologia comportamental. Seu interesse imediato é o de produzir indivíduos que sejam competentes para o mercado de trabalho. Assim, a prática escolar deveria se adequar a mão-de-obra para poder ser aproveitada no mercado de trabalho. E em relação à aprendizagem da arte, os professores utilizavam materiais alternativos, livros didáticos e meios audiovisuais para sustentar seu ensino.

Entre meados da década de 60 e 70, o ensino da arte foi um período marcado pelo tecnicismo. Segundo as OCEM (2006, p. 174) “o que mais marcou o ensino da arte pensado na perspectiva tecnicista foi o viés da polivalência implementado pela Lei no 5.692/71” explicado dessa forma por um dos documentos norteadores da educação brasileira:

[...] nas escolas, a arte passou a ser entendida como mera proposição de atividades artísticas, muitas vezes desconectadas de um projeto coletivo de educação escolar, e os professores deveriam atender a todas as linguagens artísticas (mesmo aquelas para as quais não se formaram) com um sentido de prática polivalente, descuidando-se de sua capacitação e aprimoramento profissional. Esse quadro estende-se pelas décadas de 80 e 90 do século XX, de tal forma que muitas das escolas brasileiras de ensino médio apresentam práticas reduzidas e quase ausentes de um ensino e aprendizagem em música, artes visuais/plásticas, dança, teatro; enfim, desconhecimento da arte propriamente dita (PCNEM, 2002, p. 91-92 apud BRASIL, 2006, p. 174).

Nesse cenário, de acordo com as OCEM (2006), nas décadas de 1980 e 1990, acontece uma organização política dos arte-educadores, para fortalecer algumas associações de professores pesquisadores, que estavam ligados a festivais de arte, congressos, federações e também pela associação de pesquisadores em artes plásticas (ANPAP). Com a criação da associação brasileira de educação musical (ABEM) e da associação brasileira de pesquisadores em artes cênicas (ABRACE), os arte-educadores continuaram sua luta, ainda com mais força para consolidar as áreas de investigação em artes visuais, teatro, dança e música, para

assim contribuir na formação dos professores dentro da área das linguagens artísticas, nas universidades.

A criação de uma linha de pesquisa em arte-educação nos anos de 1980, no programa de pós-graduação da escola de comunicação e arte da universidade de São Paulo (ECA-USP), é uma dessas ações afirmativas fundamentais ao processo desencadeado em fins do século passado, fortalecendo o reconhecimento do ensino da área como campo de pesquisa. Assim, os anos 1980 e 1990 testemunharam uma intensa produção de pesquisa e de propostas metodológicas nas várias dimensões do ensino da arte (BRASIL, 2006, p. 175).

Assim, as OCEM (2006) afirmam que, o ensino da música foi enfatizado no processo metodológico, na experiência direta, na improvisação e aprendizagem musical. A dança foi sistematizada no desenvolvimento da consciência corporal, onde o corpo deveria integrar todos os aspectos como o social, espiritual, psíquico, além do aspecto físico. Além do mais, vale lembrar-se da influência da coreografia nesse processo. Nas artes cênicas predominaram diferentes movimentos, entre eles o jogo teatral. O teatro também manteve relação com a educação e esteve presente na comunidade.

Deve-se ressaltar que a ênfase nos jogos se refere especificamente à aprendizagem do teatro, sendo essa uma maneira de o aluno se familiarizar com a linguagem do palco, os desafios da cena, as concepções de montagem e a interpretação da realidade mediante o confronto entre jogadores e observadores. (BRASIL, 2006, p. 176).

No que se refere às Artes Visuais, as OCEM (2006, p. 176) enfatizam que a arte-educação foi baseada na disciplina. “Esse método, formulado por professores-pesquisadores norte-americanos, divide o ensino das artes em disciplinas voltadas para o desenvolvimento das competências estética, artística, histórica e de crítica sobre arte”. No Brasil, ao invés dessa divisão disciplinar aconteceu a Abordagem Triangular de Ana Mae Barbosa, a qual passou “a orientar o vocabulário e as ações dos professores de arte do país” (BRASIL, 2006, p. 176), propondo “o ensino baseado em ações continuamente interligadas” (BRASIL, 2006, p. 176).

Ainda nesse contexto as OCEM (2006) ressaltam que em 1990 não estava claro o espaço curricular do ensino da arte e assim foi decidida, na formulação da nova LDB 9.394.96, a obrigatoriedade a arte nos currículos escolares. A LDB 9394.96 estabelece em suas disposições gerais, da educação básica, seção I, capítulo II que

§ Art. 26. Os currículos do ensino fundamental e médio devem ter uma base nacional comum, a ser complementada, em cada sistema de ensino e

estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e da clientela. [...] § 2º O ensino da arte, especialmente em suas expressões regionais, constituirá componente curricular obrigatório nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos. § 6º A música deverá ser conteúdo obrigatório, mas não exclusivo, do componente curricular de que trata o § 2º deste artigo (LDB n. 9.394.96).

A partir dessa nova legislação, iniciaram-se as orientações para o ensino das linguagens (artes visuais, música, dança e teatro) tanto na educação básica como na formação dos professores. Essas orientações constam nas Diretrizes Nacionais para os cursos de graduação e nos Parâmetros Curriculares Nacionais. Ainda nessa década, iniciaram-se os questionamentos sobre os conteúdos a serem trabalhados, dando ênfase nos conteúdos curriculares referentes a uma arte branca e masculina.

O ideário sobre o Ensino da Arte contempla as diferenças de raça, etnia, religião, classe social, gênero, opções sexuais e um olhar mais sistemático sobre outras culturas. Denuncia, ainda, a ausência das mulheres na história da arte e nos seus circuitos de difusão, circulação e prestígio. Considera-se, ainda, a educação especial, tomando o aluno portador de necessidades educacionais especiais como detentor de uma cultura de minoria no espaço escolar, pondo em pauta a necessidade de reforçar a herança estética e artística dos alunos de acordo com seu meio ambiente. Enfim, exige valores estéticos mais democráticos, o que se chama de alfabetização cultural: possibilitar que aluno desenvolva competências em múltiplos sistemas de percepção, avaliação e prática da arte (BRASIL, 2006, p. 177).

Vivemos dentro de um processo de globalização, onde diferentes populações participaram de fluxos migratórios vindos de suas ex-colônias, de êxodos de guerra e de vários outros lugares e ainda continuam se movimentando, talvez por outros motivos. Certamente, acontece aí uma diversidade cultural entre os sujeitos, explicam as OCEM (2006). Nessa miscigenação cultural como poderíamos contemplar os conteúdos do ensino da arte?

Segundo as OCEM (2006), esse ideário sobre o ensino da arte repercutiu no Brasil e ocasionou a criação de legislações que pudessem garantir a presença de conteúdos curriculares que tratassem de culturas afro-brasileiras, indígenas, portadores de necessidades especiais e também outras populações que sofriam com a discriminação. A partir daí, os estudos das OCEM (2006) assinalam o crescimento de projetos em arte-educação e com isso, o acesso à arte e à cultura vem ampliando-se.

Posteriormente, no que se refere a cotidiano e mídias, as OCEM (2006, p. 178) nos dizem que:

Novas vertentes metodológicas no ensino da Arte surgem no cenário pedagógico, discutindo a ampliação e mesmo a eliminação das diferenças conceituais entre arte e cultura. Baseadas no impacto das novas tecnologias, essas abordagens descentralizam os saberes tradicionais do professor e dos currículos, valorizando as diversas formas de manifestações artísticas e estéticas ligadas ao cotidiano social e privado dos indivíduos. Valoriza-se, assim, o repertório do aluno, especialmente dos jovens em contato com as mídias, priorizando a análise dos ritos subjacentes ao modo de vestir, falar, aos gestos de cumprimento e às preferências esportivas. A identificação com o *hip-hop* pode ser dada como exemplo desses ritos na esfera urbana, com suas manifestações como grafite, tatuagens, preferências musicais, esportivas, danças de rua, etc.

Dito isso, o documento (BRASIL, 2006, p. 178) afirma que esse movimento identificado como cultura visual busca promover uma relação com as diversas linguagens. “Entretanto, por enfatizar apenas a recepção crítica da cultura de massa e da chamada “cultura digital”, em detrimento do conhecimento e da produção artística, ele é criticado por envolver o ensino de tudo, menos da arte propriamente dita”.

Certamente, essas relações se tornam necessárias para compreender as produções artísticas contemporâneas. Nesse sentido, vale enfatizar que desde as vanguardas da década de 60, as propostas artísticas já rompiam com os limites existentes entre a arte e o cotidiano e com os limites existentes entre a obra e a experiência. Além de que, apropriavam-se de materiais que estavam ligados ao mundo contemporâneo. Dentro desse processo de construção histórica, “[...] consolidou-se a disciplina Arte, em cujo domínio inserem-se os conhecimentos referentes às linguagens da música, da dança, das Artes Visuais, do teatro” (BRASIL, 2006, p. 179).

A este respeito as OCEM (2006) enfatizam que a arte se decompõe em formas específicas de conhecimento. Ela é um tipo de narrativa sobre o ser humano que sintetiza situações e momentos importantes que ocorreram no mundo, em diferentes épocas e em diversas culturas. Logo sobre a arte na escola pode-se concluir que

as reflexões sobre o ensino das Artes nos levam à consideração de que à Arte é à base da vida, sem ela o homem não vive, pois ela está presente em todos os momentos existenciais do ser humano, tanto no que concerne a estética do cotidiano como à estética formal, pois o indivíduo convive em sua cotidianidade com esta relação dialética tendo a arte sempre presente em sua vida em um determinado contexto sociocultural (CORRÊA, 2004, p. 7).

Nesse sentido, Almeida (2001) nos diz que as práticas artísticas podem contribuir para a formação dos alunos, pois ao conhecer e compreender melhor as

artes, os alunos experimentam sentimentos de ternura e compaixão, além de que também se tornam mais sensíveis e percebem as transformações que ocorrem no mundo que os rodeia. “As artes são produções culturais que precisam ser conhecidas e compreendidas pelos alunos, já que é nas culturas que nos constituímos como seres humanos” (ALMEIDA, 2001, p. 15). A arte é um sistema simbólico “e, como o ser humano é um ser cultural, essa é a razão primeira para a presença das artes na educação escolar” (ALMEIDA, 2001, p. 32).

Partindo desse pressuposto, penso que torna-se fundamental mencionar a arte e as linguagens artísticas dentro do contexto escolar. Conforme nos diz Buoro (1998), a arte é uma linguagem que é manifestada desde os primeiros momentos da história da humanidade e o seu conhecimento contribui para que o homem tenha um maior conhecimento de si mesmo e do mundo em que vive. Partindo dessa concepção, Buoro (1998) enfatiza que a arte na educação contribui para a formação dos sujeitos de uma maneira em que eles se tornem mais críticos e criativos. Segundo Martins, Picosque e Guerra (1998, p. 13)

[...] a arte é importante na escola, principalmente porque é importante fora dela. Por ser um conhecimento construído pelo homem através dos tempos, a arte é um patrimônio cultural da humanidade e todo ser humano tem direito ao acesso a esse saber.

De acordo com Ferraz e Fusari (1992), ao trabalhar com as linguagens artísticas nas aulas de arte, espera-se que os estudantes vivenciem o seu processo artístico, ampliando sua expressividade e sua imaginação. Segundo Barbosa (2003), por meio da arte os alunos podem desenvolver sua percepção e a imaginação, desenvolvendo o seu conhecimento cultural e também a sua capacidade crítica de análise da realidade.

Na opinião de Buoro (1998), quando o aluno se expressa por meio da arte, ele manifesta seus desejos, sentimentos e sensações e entra em contato com sua identidade. E ainda encontra um espaço para se conhecer e se relacionar melhor com os demais. Essa ideia pode ser explicada com a afirmação de Barbosa (2003, p. 17) quando nos diz que “a arte como uma linguagem aguçadora dos sentidos transmite significados que não podem ser transmitidos por intermédio de nenhum outro tipo de linguagem, tais como a discursiva e a científica”.

Nessa direção, Baumer (2009) em seus estudos sobre a necessidade da presença das diversas linguagens artísticas no ensino da arte apresenta como

resultado que “a arte é ação, razão, sentimento, expressão, comunicação, conhecimento e sensação [...] o conjunto de formas variadas da expressividade humana” (BAUMER, 2009, p. 89) e que todo esse conjunto deve estar na escola.

Assim, dentre as artes, as visuais, nos permitem a expressividade de ideias e sentimentos por meio de imagens e nos possibilitam a visualização do que somos e o que sentimos.

As artes visuais, além das formas tradicionais (pintura, escultura, desenho, gravura, arquitetura, artefato, desenho industrial), incluem outras modalidades que resultam dos avanços tecnológicos e transformações estéticas a partir da modernidade (fotografia, artes gráficas, cinema, televisão, vídeo, computação, performance) (BRASIL, 1997, p. 40).

De acordo com os PCN (1997), os alunos mantêm relação com algumas formas visuais e com seus elementos. Ao criar algo, o aluno faz composições com pontos, linhas, cores, movimentos e vários outros elementos presentes nas artes visuais. Assimilando alguns elementos como esses ao seu conhecimento, o aluno gera e conhece seus códigos pessoais. Além de que também amplia sua prática criadora.

Como nas Artes Visuais, a linguagem teatral tem grande importância dentro do contexto escolar. Ela proporciona, acima de tudo, um aprendizado humano, em que o sujeito, pela prática da representação, expõe-se e confronta seu mundo com o mundo que o rodeia. De acordo com os PCN (2000), a atividade teatral na escola contribui no processo educativo e no desenvolvimento da expressão e comunicação. O teatro é uma arte do coletivo e do tempo presente. A escola é um lugar privilegiado para o desenvolvimento dessa linguagem artística.

A experimentação da linguagem teatral dá-se mediante o envolvimento do estudante com os elementos referentes à estrutura dramática (ação/espço/personagem/público), conforme indicam os elementos arrolados, os quais não exaurem as inúmeras possibilidades que se apresentam a esse campo investigativo. Assim, não há um ponto de partida nem muito menos de chegada, uma vez que o processo do aprender a estudar e a explorar a linguagem teatral traduz, por si, os objetivos referentes ao desenvolvimento do currículo na sala de aula (BRASIL, 2006, p. 189).

Sendo uma forma de expressão como as outras linguagens artísticas, o teatro é uma linguagem importante na vida do ser humano que oportuniza a integração de conhecimento para a ampliação do repertório artístico-cultural, assim como outra linguagem importante na comunidade escolar: a dança.

Brikman (1989) nos diz que a dança permite que o aluno encontre seu próprio estilo expressivo. Ela colabora com o amadurecimento do aluno por meio de uma aprendizagem vivencial-corporal, de uma experiência sensível. Com a dança o aluno pode descobrir, reconhecer e encontrar a sua própria forma de manifestar-se com o seu corpo. Considera-se ainda segundo Brikman (1989) que a educação por meio da dança tem um papel fundamental na educação atual, pois é uma forma de inovar e incentivar os alunos a despertarem seu senso dinâmico de identidade.

Assim, como a dança, é fundamental a presença da linguagem musical no contexto escolar. Para Brill (1988, p. 38), a música está relacionada com as emoções, as expressões, a harmonia, com o ritmo, com os sentimentos e também com a vida. “Aliada à dança e à expressão corporal, isto é, ao movimento e mímica do corpo humano, a música se reveste de grande força emocional e mágica, determinando sua função ritual em todas as sociedades e épocas, no sentido coletivo”.

Segundo Dietrich (2001), a educação musical é uma maneira de as pessoas entrarem em contato com uma área de conhecimento que as possibilite desenvolver a percepção, expressão e pensamento. Desse modo Stefani (1987) ressalta que vivemos imersos num mundo de sons e música a toda hora, por todos os lados. Trabalhar a linguagem musical não significa apenas ouvir uma música, mas experimentá-la, a fim de criar sons. Ora vontade de ouvir música, ora vontade de cantar. É por meio dessas vontades que nós nos expressamos e libertamos os sentimentos que existem dentro de cada um de nós.

Tocando, também nos exprimimos. Os mais expressivos são os que improvisam, pois são eles que pensam, são eles que tocam e, às vezes, são eles os únicos que ouvem – os “autores dos sons”. Os músicos de jazz e de rock, mas também os românticos, Schumann e Schubert. E as crianças e os jovens, quando descarregam a sua emotividade sobre os instrumentos e tornam expressivos os objetos sonoros. (STEFANI, 1987, p. 9).

Martins, Picosque e Guerra (1998) dizem que é fundamental que o aluno compreenda que a linguagem musical é parte de seu cotidiano e que ela está presente a todo o momento ao seu redor, por meio de ruídos e sons que ele mesmo produz. Por meio dessa compreensão, o aluno aguça sua sensibilidade e melhora sua aprendizagem de escuta, modificando essa paisagem sonora que está acostumado a ouvir.

Leite (2008) enfatiza que a arte é uma maneira de aumentar nosso conhecimento sobre as coisas. É uma linguagem que nos oferece oportunidades significativas de experiências, favorecendo a ampliação de nosso repertório. Da mesma forma, falando de arte no contexto escolar, Pillotto (2008) nos diz que é necessário possibilitar a ampliação do repertório dos alunos, permitindo que os mesmos possam criar, imaginar, expressar, compreender e ressignificar. E para Pillar (2003, p. 71),

[...] o papel da arte na educação está relacionado aos aspectos artísticos e estéticos do conhecimento. Expressar o modo de ver o mundo nas linguagens artísticas, dando forma e colorido ao que, até então, se encontrava no domínio da imaginação, da percepção, é uma das funções da arte na escola.

Oliveira (2001) enfatiza que a escola deve oportunizar aos alunos o acesso a arte, pois a arte exerce um papel fundamental na educação e na aprendizagem como um todo. A arte é importante para a ampliação da percepção, da expressão, da imaginação e de outros conhecimentos que fazem parte da vida do ser humano. Ela é a expressão de um sentir que pode ser manifestado por meio de diferentes linguagens e “nos permite sentir a dinâmica da própria vida, pois o que percebemos por meio dela não é uma simples e única qualidade emocional” (CORRÊA, 2004, p. 8).

Lidamos basicamente com as linguagens da arte no cotidiano em que vivemos e podemos estudar sobre a arte na escola, por meio de estudos teóricos como os acima apresentados. Mas afinal, o que entendemos nós estudantes e professores de artes sobre essas linguagens da arte na educação? Elas podem contribuir na construção do conhecimento dos alunos da educação básica?

5 RELATO DA EXPERIÊNCIA DO ESTÁGIO NO ENSINO MÉDIO

Buscando discutir questões relacionadas às linguagens artísticas e suas contribuições para a aprendizagem sobre a arte, apresento o relato da experiência do estágio III, realizado com o ensino médio, num exercício de rememoração. A turma apresentava vinte e cinco alunos, adolescentes e a professora tinha graduação em Artes Visuais pela UNESC em 2005 e possuía vasto conhecimento em relação à arte.

A proposta para esse estágio foi trazer para a sala de aula as diferentes linguagens artísticas buscando ampliar o repertório cultural dos alunos e perceber a contribuição que essas linguagens podem oferecer para a aprendizagem deles nas aulas de arte. É importante destacar que mediante a observação da turma, desenvolvida em seis encontros de uma hora/aula cada, percebi que os alunos não participavam de atividades que possibilitassem o contato com as diferentes linguagens artísticas presentes na arte contemporânea.

Dessa forma, questionei-me sobre a contribuição que essas linguagens poderiam trazer para os alunos, se estivessem presentes no cotidiano escolar deles. Eles estariam aprendendo e aumentando o seu conhecimento em relação à arte de uma forma diferenciada. Sendo assim, por todos esses motivos, refleti sobre o que foi observado e mediante minhas conclusões estudei a possibilidade de criar um projeto relacionado com as diferentes linguagens artísticas dialogando com a arte contemporânea.

Inicialmente levei para a sala de aula alguns estudos referentes às diferentes linguagens, que pudessem contribuir para o conhecimento dos alunos. No decorrer do primeiro e do segundo encontro, fui percebendo aos poucos que a atenção dos alunos aumentava na medida em que aconteciam as explicações sobre o assunto citado naquele momento, o qual se referia a algumas linguagens contemporâneas. Por meio de imagens, vídeos, pequenos textos explicativos e exemplos, procurei propor aos alunos uma reflexão sobre o fato de que a arte passou por diversos estilos artísticos até chegar à atualidade. Para tanto, considero que ao transmitir informações relacionadas com assuntos que os estudantes ainda não sabem, é uma maneira de despertar o interesse deles para a aprendizagem de um novo conhecimento.

Figura 1: Introdução às diferentes linguagens artísticas



Fonte: Acervo da acadêmica pesquisadora

No terceiro encontro, buscando experimentar o movimento corporal com os alunos, foi realizada uma atividade de relaxamento. Por meio da linguagem musical e dos movimentos corporais os alunos foram sentindo a sensibilidade dos sons e se aprofundando na sua imaginação. Assim, Mendes e Cunha (2001, p. 81) enfatizam que

o jogo entre o som e o silêncio é o elemento formador da música. Todos os sons são possuidores de um potencial criador que se transforma em música de formatos diversos com base em formas distintas de organização. A música não tem significado literário, uma lógica que se expresse em palavras, mas quantas e quão profundas emoções provoca em nós! Podemos, ao ouvir uma canção, associá-la a um acontecimento passado, emocionando-nos como se vivenciássemos o fato novamente

Palavras, expressões e sensações se faziam presentes naquele momento, como também movimentos físicos eram expressos. É aí que Mendes e Cunha (2001, p. 82) nos afirmam que a música “[...] pode atuar de fora para dentro, quando atinge um ouvinte e este a expressa em movimentos físicos, cantarolando, percutindo objetos ou somente ficando em silêncio, mas atento ao acontecimento musical”. Para tanto, outra linguagem se fez presente: a fotografia. Enquanto os alunos realizavam o relaxamento, algumas fotografias eram tiradas para registro.

Relações entre três linguagens aconteciam neste encontro: a fotografia, a linguagem musical e a linguagem corporal. Nessa perspectiva, ao falar sobre as relações entre as linguagens artísticas, Oliveira (2008, p. 75) nos diz que,

intertextualidade, transdisciplinaridade, transversalidade, interterritorialidade, rizoma, entre outras, são todas palavras híbridas ou plurais – por constituição ou por noção – em cujos conceitos buscamos nos socorrer, no contemporâneo mundo do conhecimento, para entender as conexões precípuas, intrínsecas ou extrínsecas, entre saberes; no nosso caso específico, buscamos essas noções para organizar mentalmente, ou melhor, compreender, e até para ensinar, as relações entre as “linguagens” artísticas, ou mesmo entre as “linguagens” estéticas.

Oliveira (2008) afirma em seus estudos a relação que as linguagens possuem entre si, sejam por oposição ou até mesmo relações entre os fenômenos que apresentam modos distintos entre si. Segundo a autora, existem relações estruturais entre as diferentes linguagens estéticas e também entre suas manifestações. Mas, para estabelecer alguma relação entre as linguagens é preciso adotar a noção da ideia de texto, não necessariamente o texto verbal, pois “podemos considerar como texto um balé, uma instalação, uma música, uma escultura. Texto é uma unidade de análise” (OLIVEIRA, 2008, p. 76).

Figura 2: Relaxamento e movimento corporal



Fonte: Acervo da acadêmica pesquisadora

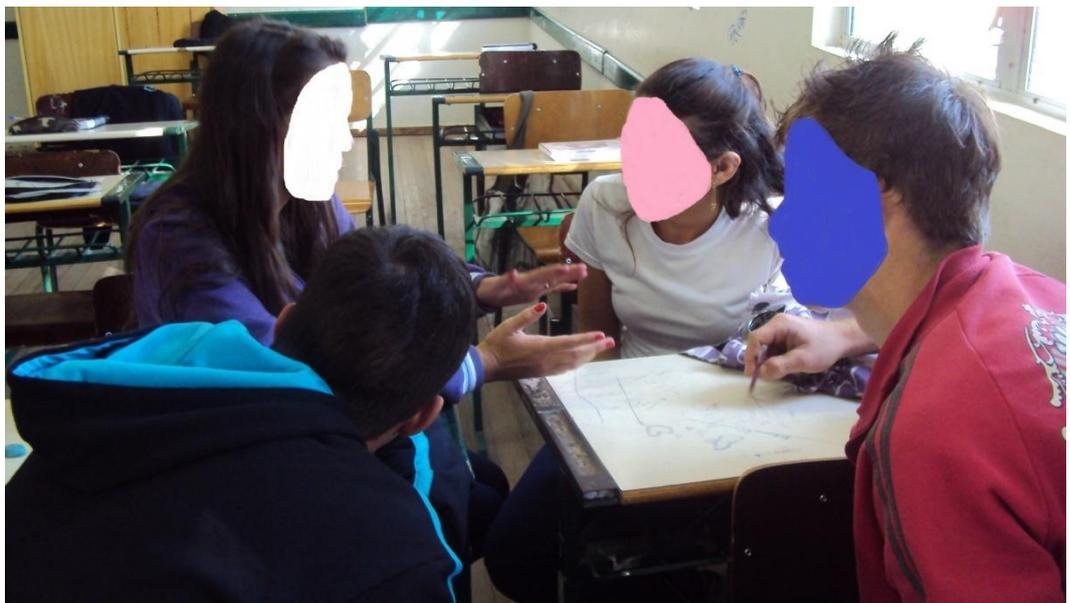
Nesse encontro foi possível perceber a contribuição que essas linguagens trouxeram para aprendizagem dos alunos em relação à arte. Eles puderam entrar em contato com diversas linguagens de uma forma diferenciada. Ouvir música, mexer o corpo, registrar o momento, viajar no mundo da imaginação. Isso mesmo:

aprender arte de uma forma diferente. Posso afirmar que ao término dessa experiência os alunos estavam mais dispostos e empolgados para participar da aula de arte.

No entanto, dando sequência aos encontros, muitas foram as vezes que percebi na turma reações que demonstravam medo, insegurança, timidez, estranhamento. No quarto encontro, por exemplo, apresentei para os alunos a linguagem da performance por meio de alguns vídeos e logo de início, durante a explicação do assunto, percebi que, de fato, não conheciam essa linguagem. Ao mostrar os vídeos de algumas performances, observei que os alunos ficaram assustados ao vê-los. Talvez estranhamento, seja a palavra certa.

Certamente, no quinto encontro não foi diferente quando orientei a turma para a preparação da criação de uma performance. Vários foram os motivos para perceber as atitudes de rejeição que os alunos apresentavam diante da atividade proposta. O que eu tinha em mãos, nesse momento, era força de vontade para mudar a realidade daqueles alunos, fazendo-os perceber o quanto a arte e suas linguagens são fundamentais para a aprendizagem deles. Contudo, divididos em grupos, os alunos aderiram à proposta.

Figura 3: Preparação para a criação de uma performance



Fonte: Acervo da acadêmica pesquisadora

No sexto encontro, a mesma atitude de repúdio, de certa forma se tornou presente na aula novamente durante as apresentações das performances. É claro que dizer que a linguagem da performance contribuiu para a aprendizagem dos alunos, não é algo fácil, diante dos vários motivos observados no decorrer do encontros. Posso afirmar que inserir uma das linguagens contemporâneas nas aulas de arte não foi uma tarefa muito fácil, pois provocou uma situação confusa e estranha entre os alunos. No entanto, considero que a contribuição que essa linguagem proporcionou aos alunos se refere à vivência de uma experiência significativa com a arte, a qual permitiu uma interpretação mais ampla sobre a arte e as vivências artísticas da atualidade.

De acordo com Nardin e Ferraro (2001, p. 211-212) discutir a presença da arte contemporânea na escola é

difícil também porque sabemos que faltam, ao nosso ensino experiências mais significativas com arte, com o uso de metáforas e com a interpretação simbólica do mundo. Situação que dificulta muito a leitura das produções contemporâneas, haja visto o jogo de sentidos que propõem ao espectador, por meio da metalinguagem, da citação, da apropriação, da incorporação, da contaminação, da intertextualidade, da paródia e/ou da crítica voraz às conformações do passado e da sociedade atual.

Figura 4: Apresentação da performance



Fonte: Acervo da acadêmica pesquisadora

Em outro momento, no sétimo encontro, os alunos se manifestaram de uma forma diferente em relação à outra linguagem da arte, a visual. Nesse dia os alunos fizeram uma interferência em uma fotografia, referente ao dia do relaxamento e o movimento corporal dos alunos. Cada aluno recebeu sua fotografia impressa em preto e branco em papel sulfite A4 e utilizando diversos materiais como lápis de cor, giz de cera, caneta hidrocor, tinta e outros, foram interferindo. A cada traço percebia-se a expressão de alegria do aluno ao entrar em contato com essa linguagem artística. Os alunos exploraram suas expressões e seu processo criativo.

Figura 5: Interferência em fotografia



Fonte: Acervo da acadêmica pesquisadora

Nessa perspectiva, trago o relato do oitavo encontro que abordou mais uma linguagem da arte contemporânea: a instalação. Utilizando as fotografias em que fizeram a interferência na aula anterior, os alunos criaram uma instalação. Foi um momento repleto de sorrisos, de alegria, entusiasmo, dedicação, participação, que me fez perceber que ao propor ações diferentes nas aulas de arte, os alunos despertam seu interesse para participar de uma nova experiência. Como nos diz Pillotto (2008, p. 48) “os alunos são receptivos a novas experiências”. Eles

conheceram mais uma linguagem da arte que faz parte de nosso tempo, a arte contemporânea e além do mais, compreenderam que podem fazer arte utilizando diversos materiais, além de pessoas, palavras e tantos outros objetos.

Figura 6: Montagem da instalação com as fotografias



Fonte: Acervo da acadêmica pesquisadora

No nono encontro, a linguagem das artes visuais se fez presente abordando a pintura e a expressão. Os alunos desenvolveram um desenho no rosto de um colega expressando algum sentimento ou dor que eles já haviam sentido em outro momento da vida. Esse processo de criação demonstrou uma expressão simbólica. Segundo Almeida (2001, p. 20), “ao simbolizarem, os alunos transportam-se para um mundo de fantasia, para um mundo imaginário criado por eles próprios, moldado ao seu gosto e que funciona com um sistema de regras especiais”. Utilizar novos meios para fazer arte é uma forma de trazer mais conhecimento para os alunos e também perceber que os mesmos façam arte sorrindo e com dedicação.

Ao falar da contribuição das linguagens artísticas, torna-se importante enfatizar algumas reflexões a respeito das experiências realizadas com o ensino médio nesse processo de aprendizagem em arte, até aqui.

Entende-se que é fundamental oferecer ricas oportunidades de aprendizagem para os alunos dentro do contexto escolar, pois quanto mais o aluno tiver a oportunidade de ressignificar o mundo por meio das diferentes linguagens, mais percepção e imaginação criadora ele poderá formar diante de si mesmo e do mundo que vive. Certamente os PCN (1997, p. 71) afirmam que

[...] é importante que os alunos compreendam o sentido do fazer artístico; que suas experiências de desenhar, cantar, dançar ou dramatizar não são atividades que visam distraí-los da “seriedade” das outras disciplinas. Ao fazer e conhecer arte o aluno percorre trajetórias de aprendizagem que propiciam conhecimentos específicos sobre sua relação com o mundo. Além disso, desenvolvem potencialidades (como percepção, observação, imaginação e sensibilidade) que podem alicerçar a consciência do seu lugar no mundo e também contribuem inegavelmente para sua apreensão significativa dos conteúdos das outras disciplinas do currículo.

Fritzen e Moreira (2008) ao destacarem a importância das linguagens artísticas para a formação humana nos dizem que ao trabalhar com a linguagem da arte podemos entrelaçar conhecimentos e manter relação com o processo criativo das pessoas, pois a arte permite uma maior sensibilidade para o ser humano. A arte é importante na vida de qualquer pessoa.

Pensando nos motivos e nas formas que as linguagens artísticas podem contribuir para a aprendizagem dos alunos do ensino médio, durante cada experiência levei até os alunos uma linguagem artística diferente, já que tinha constatado na observação da turma que eles estavam acostumados com desenhos livres, releitura de imagens e atividades mais tradicionais predominantes nas aulas de artes. Com o passar dos encontros de estágio, pude perceber que os alunos já

apresentavam mudanças na forma de agir perante as diferentes linguagens apresentadas e que esse trabalho estava contribuindo de certa forma para a construção do conhecimento deles, pois manifestavam-se de uma forma mais criativa e expressiva no desenvolvimento dos trabalhos.

Martins, Picosque e Guerra (1998) nos dizem que quando o aluno ressignifica o mundo por meio da linguagem da arte, ele torna-se mais perceptivo e expressivo, além de que também aumenta sua imaginação criadora.

Ao desenvolver-se na linguagem da arte, o aprendiz apropria-se – lendo/produzindo – do modo de pensamento da própria arte. Essa apropriação converte-se em competências simbólicas porque instiga esse aprendiz a desvelar seu modo singular de perceber/sentir/pensar/imaginar/expressar e a ampliar sua possibilidade de produção e leitura do mundo, da natureza e da cultura, ampliando também seus modos de atuação sobre eles (MARTINS, PICOSQUE e GUERRA, 1998, p. 162).

Almeida (2001) acrescenta que a prática de certas ações, consideradas artísticas, podem contribuir para uma formação mais completa dos alunos, pois no momento em que conhecem e compreendem melhor as artes, eles tornam-se pessoas mais sensíveis e capazes de perceber o que acontece no mundo a sua volta. Para Almeida (2001) é necessário sempre oportunizar aos alunos meios para que eles possam entrar em contato com formas variadas de música, dança, teatro, artes visuais, entre outras linguagens, pois as linguagens artísticas favorecem o processo de simbolização do aluno.

Ao realizarem atividades artísticas, os alunos também aprendem que o processo de criar requer decisões. Toda criação envolve muito mais uma atividade de exploração, invenção e tomada de decisão do que conformismo à regra. (ALMEIDA, 2001, p. 21).

As linguagens artísticas podem contribuir para que os alunos desenvolvam um pensamento mais flexível, desenvolvam sensibilidades e articulem mais expressões, pois a arte é uma forma de expressão do ser humano. Ao trabalharem com as artes, os alunos

[...] aprendem a lidar com materiais, ferramentas e equipamentos e com os elementos constitutivos de cada uma das artes – sons e silêncios, no caso da música; cores, formas, texturas e volumes, nas artes visuais; gestos movimentos e pausas, na dança; palavras e silêncios, expressões, gestos e movimentos, no teatro. (ALMEIDA, 2001, p. 23-24).

Certamente, o ensino da arte atua no processo de aprendizagem e desenvolvimento do aluno, estimulando a sua percepção do mundo e de si mesmo. Por fim, cabe ressaltar o relato de um processo que engloba a linguagem das artes

visuais num período de seis encontros. Buscando desenvolver a capacidade criativa e a imaginação, os alunos criaram desenhos em objetos diferentes dos que estão habituados a utilizar, nesse caso telas, e pintaram os desenhos com materiais diferentes como giz carvão, tinta acrílica, tinta feita com pigmentos naturais, giz de cera, tinta guache, entre outros.

Em um primeiro momento, os alunos dividiram-se em cinco grupos e criaram desenhos relacionados ao surrealismo. O desenho foi criado em papel Canson A3 branco com grafite e depois de pronto foi feita a sua coloração com lápis de cor aquarela. Refletindo sobre esse estilo artístico, seus sonhos e fantasias, os alunos fizeram desenhos bem criativos e coloridos.

Figura 7: Criação de desenho surrealista



Fonte: Acervo da acadêmica pesquisadora

Trazer o desenho para o cotidiano escolar é uma forma de os alunos ampliarem seu conhecimento intelectual já que “o desenho é um processo que envolve imaginação, realidade cotidiana, figuração, e tem como mediação a palavra” (FERREIRA e CINTRA DA SILVA, 2001, p. 150). O desenho permite a expressão de ideias, pensamentos e sensações.

Em um segundo momento, os alunos passaram o desenho feito no papel Canson A3, para uma tela utilizando giz. Pouco a pouco, os alunos foram colocando os traços apresentados no papel, sobre a tela. Logo, o desenho estava pronto. A coloração da tela foi realizada com diversos materiais diferentes, como tinta feita com pigmentos naturais, tinta acrílica, tinta guache, giz de cera e carvão. Sendo que cada grupo utilizou apenas um tipo desses materiais citados. A experiência desse processo de criação foi muito significativa.

Após a pintura das telas, o passo seguinte foi reunir todos os trabalhos realizados pelos alunos e montar uma instalação como produção final. Os alunos e eu montamos a instalação no pavilhão do refeitório da escola e após foi feito o registro e a apreciação da instalação que ficou exposta durante uma semana na escola.

A instalação foi produzida com a intenção de apresentar algumas das diferentes linguagens artísticas da arte contemporânea como formas de conhecer a arte e ampliar o repertório artístico dos alunos dentro do contexto escolar. Além de que a montagem da instalação permitiu demonstrar que as diferentes linguagens artísticas apresentam relações entre si.

Analisando os dados apresentados, penso que a minha preocupação nesse processo, era compreender de que forma as linguagens artísticas poderiam estar contribuindo para a aprendizagem dos alunos e nessa direção os estudos teóricos me ajudaram a refletir sobre essa prática. Para tanto, os PCN (1997, p. 11) enfatizam que

a educação em arte propicia o desenvolvimento do pensamento artístico, que caracteriza um modo particular de dar sentido às experiências das pessoas: por meio dele, o aluno amplia a sensibilidade, a percepção, a reflexão e a imaginação. Aprender arte envolve, basicamente, fazer trabalhos artísticos, apreciar e refletir sobre eles.

Certamente, o desenvolvimento de atividades artísticas permite aos alunos aumentar a sua afetividade e a construção de seus valores humanos. Do mesmo modo que também possibilita que os mesmos desenvolvam sua auto-estima,

sua capacidade de simbolizar, suas expressões, suas ideias e também seus sentimentos. Assim, Almeida (2001, p. 11-12) nos fala que

as atividades artísticas também auxiliam o desenvolvimento de habilidades que expandem a capacidade de dizer mais e melhor sobre si mesmo e sobre o mundo. Sabemos que é no próprio processo de sua produção que as ideias são formadas e clarificadas. Por extensão, podemos dizer que o processo de expressar conhecimentos, valores e afetos por meio de imagens visuais, sons, gestos, movimentos e palavras ajudam os alunos a compreenderem melhor os conhecimentos, valores e sentimentos que tentam expressar, conferindo sentidos plenos à atividade que realizam. Concretizados em forma de canções, danças, dramatizações, desenhos e esculturas, as ideias e os sentimentos que motivaram essas produções dialeticamente geram outros sentimentos e pensamentos, desenvolvendo a percepção de si mesmo e do outro e a consciência sobre o que ocorre em volta, o que poderá contribuir para o desenvolvimento de sua afetividade.

Trabalhar com as diferentes linguagens artísticas nesta pesquisa me fez perceber que aprender e ensinar arte não significa apenas desenvolver uma atividade ou uma produção artística, mas contribuir para que os alunos tenham uma aprendizagem mais significativa. Ao analisar a experiência do estágio no ensino médio percebi que as linguagens artísticas não se fazem tão presentes no contexto escolar e que os alunos ao desenvolverem atividades artísticas por meio de formas diferenciadas das que estão habituados a fazer, apresentam uma satisfação pessoal e uma auto-estima mais elevada. Certamente, “as artes fornecem um dos mais potentes sistemas simbólicos das culturas e auxiliam os alunos a criar formas únicas de pensamento” (ALMEIDA, 2001, p. 32).

Sendo assim, penso que a arte e suas diferentes linguagens devem fazer parte da vida cotidiana escolar, pois elas abrem portas e mais portas para que o aluno viaje nos mundos reais e imaginários, que a arte permite conhecer. Tudo começa com um olhar, o desejo do novo, a possibilidade de descobertas, o poder de criar e transformar a realidade, dar forma, dar vida.

Nessa perspectiva, proponho a seguir um projeto de formação continuada para os professores de arte da Rede Municipal e Estadual de Jacinto Machado, Santa Catarina.

6 PROJETO DE FORMAÇÃO CONTINUADA

TÍTULO: VIVENCIANDO AS LINGUAGENS ARTÍSTICAS CONTEMPORÂNEAS

JUSTIFICATIVA

A arte é uma linguagem que possibilita que as pessoas tenham aprendizagens simbólicas de sentimentos, emoções, percepções, criatividade e “[...] existe para que possamos nos expressar. Dizemos por meio dela aquilo que não conseguimos comunicar de outras maneiras” (STRAZZACAPPA, 2001, p. 40).

Torna-se fundamental na educação, que os professores oportunizem na sala de aula, saberes que ajudem os alunos a construir o seu conhecimento em arte, não se limitando apenas aos saberes da matéria, mas ampliando o conhecimento deles em diferentes áreas de conhecimento. “As artes constroem representações do mundo, que podem ser acerca do mundo real ou sobre mundos imaginários que não estão presentes, mas que podem inspirar os seres humanos à criação de um futuro alternativo para si próprios” (EFLAND, 2004 apud HERNÁNDEZ, 2007, p. 41). O educador deve enriquecer seu trabalho em sala de aula, se apropriando de novos saberes presentes na atualidade e de novas maneiras que o auxiliem a explorar e interpretar novos conhecimentos a respeito das disciplinas escolares e da realidade que o cerca. Assim, o educador poderá oportunizar aos seus alunos meios de aprendizagem ricos em conhecimento e que poderão ampliar o repertório artístico deles (HERNÁNDEZ, 2007).

Para tanto, buscando enfatizar a contribuição das linguagens artísticas presentes na arte contemporânea, proponho um curso de formação continuada aos professores da rede municipal, estadual e privada do município de Jacinto Machado - SC, com a finalidade de oportunizar vivências e experimentações por meio de algumas linguagens artísticas contemporâneas.

O curso objetiva possibilitar aos professores uma reflexão sobre a experiência vivida e trazer para o contexto escolar propostas inovadoras relacionadas à arte contemporânea. Vivenciando novas experiências os professores poderão ampliar sua bagagem artística e cultural, enriquecendo seu conhecimento sobre a arte.

PÚBLICO – ALVO

Doze professores de Arte da rede municipal, estadual e privada.

OBJETIVO GERAL

Possibilitar aos professores de arte experiências relacionadas às diferentes linguagens artísticas contemporâneas, visando despertar o seu interesse para a contribuição que essas linguagens podem oferecer para a aprendizagem dos alunos em arte.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Reconhecer a contribuição das linguagens artísticas contemporâneas para a aprendizagem em arte;
- Vivenciar experiências relacionadas às linguagens artísticas contemporâneas como a performance, instalação, a música e a dança contemporânea, por meio de oficinas;

PROPOSTA DE CARGA HORÁRIA

8 horas teóricas

12 horas práticas

Totalizando 20 horas

EMENTA

As linguagens artísticas contemporâneas no ensino da arte.

METODOLOGIA

O curso será realizado no Centro de Convivência da Terceira Idade do município de Jacinto Machado - SC, iniciando com a construção de uma base teórica de estudos por meio de alguns textos, vídeos e imagens. As imagens e os vídeos

proporcionarão aos participantes do curso, um conhecimento mais intensificado no que se refere às linguagens contemporâneas, além de que também possibilitará o conhecimento e a ampliação do repertório em arte por meio da visualização de algumas vivências artísticas.

Em um segundo momento, os participantes realizarão atividades expressivas e corporais por meio de performances, músicas e danças contemporâneas e farão atividades relacionadas com a instalação. Utilizando diferentes objetos, sons e o espaço se utilizarão do seu processo criativo para o desenvolvimento de uma instalação.

Para finalizar, os participantes envolvidos deverão desenvolver algumas apresentações envolvendo as linguagens artísticas contemporâneas vivenciadas durante as oficinas. Por fim, haverá um momento de reflexão e um breve diálogo a respeito do que ocorreu no decorrer do curso e se os participantes puderam perceber se as linguagens artísticas contemporâneas podem contribuir ou não para a aprendizagem dos alunos em arte e de que forma contribuem.

REFERÊNCIAS

HERNÁNDEZ, Fernando. **Catadores da cultura visual**: transformando fragmentos em uma nova narrativa educacional. Porto Alegre: Mediação, 2007. 127 p.

STRAZZACAPPA, Márcia. Dançando na chuva... E no chão de cimento. In: FERREIRA, Sueli (Org.). **O ensino das artes**: construindo caminhos. 2 ed. Campinas, São Paulo: Papirus, 2001. p. 39-78.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao finalizar esta pesquisa, percebi que os alunos do ensino médio, da escola onde realizei o estágio, não possuem conhecimento sobre as diferentes linguagens artísticas e não as vivenciam no seu cotidiano escolar. Além do mais, têm um conhecimento vago em relação à arte contemporânea, apresentando estranhamento ao vivenciar essa linguagem. Esse fato nos mostra que os professores não estão ampliando as possibilidades de aprendizagem em arte para os seus alunos e que as diferentes linguagens artísticas não estão presentes no contexto escolar como um meio que oportuniza a ampliação do repertório em arte dos alunos do ensino médio. No entanto, acredito que as linguagens artísticas contribuem para as construções e vínculos afetivos do adolescente do ensino médio, ao mesmo tempo em que lhe permite um maior engajamento no desenvolvimento das atividades.

Penso que a arte e as diferentes linguagens contemporâneas devem ser ensinadas e aprendidas nas escolas como um meio de promover o desenvolvimento do percurso de construção de conhecimento do aluno, pois as diferentes linguagens da arte possibilitam que o aluno explore a sua imaginação, o seu processo criativo, tornando-se mais expressivo e comunicativo. A arte é importante para a aprendizagem humana.

Quando observei os alunos do ensino médio no estágio III entrando em contato com as diferentes linguagens artísticas, percebi que elas contribuem com o processo de construção de conhecimento. Os alunos tiveram experiências diferentes das que estavam habituados e ampliaram sua bagagem cultural dentro da arte. Também experimentaram diversos tipos de sensações e expressões, trabalhando os sentidos do corpo humano por meio de vivências artísticas.

Observei também que, ao manifestar-se expressivamente por meio das diferentes linguagens artísticas na arte contemporânea, os alunos do ensino médio desenvolveram movimentos, formas, traços, desenhos, pinturas, sons e gestos que contribuem para a ampliação do seu repertório em arte. Permitir ao aluno vivenciar experiências relacionadas às diferentes linguagens artísticas é uma maneira de possibilitar a construção do seu conhecimento cognitivo e sensível, o qual se torna importante para a sua aprendizagem em arte. E possibilitar ao aluno fazer parte do meio contemporâneo é uma forma de oportunizar que ele mantenha relação com o

mundo em que vive.

Na experiência de estágio curricular do curso, aqui analisada, percebi que as diferentes linguagens artísticas se tornaram fundamentais na aprendizagem dos alunos do ensino médio, pois os alunos apropriaram-se de saberes significativos nas práticas de produção e criação artísticas. Aos poucos, foram aperfeiçoando e refletindo sobre novas ideias, pensamentos e modos de criação nos trabalhos realizados em sala de aula. No início, senti insegurança e medo, pois os alunos apresentavam desinteresse pelas atividades propostas e estranhamento ao entrar em contato com a arte contemporânea. Porém, acredito que as diferentes linguagens da arte contribuíram de forma significativa para a aprendizagem dos alunos, já que os mesmos estavam mais confiantes e interessados pelas aulas de arte.

Logo, penso que propor ações voltadas para as linguagens artísticas é uma maneira de ampliar o repertório artístico dos alunos do ensino médio e permitir que eles conheçam espaços, diferentes estilos artísticos, o inesperado, o novo. Cabe, então aos professores de arte, possibilitar a ampliação desses repertórios oportunizando aos alunos criar, sentir, expressar, compreender, imaginar e ressignificar por meio da arte. A arte é importante para a construção do conhecimento humano.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Célia Maria de Castro. Concepções e práticas artísticas na escola. In: FERREIRA, Sueli (Org.). **O ensino das artes: construindo caminhos**. 2 ed. Campinas, São Paulo: Papirus, 2001. p. 11-38.
- ANDRÉS, Maria Helena. **Os caminhos da arte**. 2 ed. rev. e aum. Belo Horizonte: C/Arte, 2000. 191 p.
- ARCHER, Michel. **Arte contemporânea: uma história concisa**. São Paulo: Martins Fontes, 2001. 263 p.
- BARBOSA, Ana Mae Tavares Bastos. As mutações do conceito e da prática. In: _____ (Org). **Inquietações e mudanças no ensino da arte**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2003. p. 13-25.
- BATCHELOR, David. **Minimalismo**. São Paulo: Cosac & Naify, 1999. 80 p.
- BAUMER, Édina Regina. **O ensino da arte na educação básica: As proposições da LDB 9.394/96.2009.94.f**. Dissertação (Mestrado). UNESC: Programa de Pós-Graduação em Educação, Criciúma, 2009.
- BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996.
- _____. Secretaria de Educação Básica. **Orientações Curriculares para o ensino médio**. Linguagens, códigos e suas tecnologias. Vol. 1. Brasília: MEC, 2006. 240 p.
- _____. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: ensino médio**. 2 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000. 71 p.
- _____. **Parâmetros Curriculares Nacionais: arte**. Brasília: MEC/SEF, 1997. 130 p.
- BRIKMAN, Lola. **A linguagem do movimento corporal**. São Paulo: Summus, 1989. 111 p.
- BRILL, Alice. **Da arte e da linguagem**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1988. 233 p. (coleção debates)
- BUORO, Anamélia Bueno. **O olhar em construção: uma experiência de ensino e aprendizagem da arte na escola**. 3 ed. São Paulo: ed. Córtes, 1998. 160 p.
- CAUQUELIN, Anne. **Arte contemporânea: uma introdução**. São Paulo: Martins, 2005. 168 p.
- COCCHIARALE, Fernando. **Quem tem medo da arte contemporânea?** Recife: Fundação Joaquim Nabuco: Massangana, 2006. 77 p.

COLI, Jorge. **O que é arte**. 11 ed. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1990. 131 p.

CORRÊA, Ayrton Dutra (Org.). **Ensino de artes**: múltiplos olhares. Ijuí, RS: Unijuí, 2004. 382 p.

DIETRICH, Evelise. Música: uma abordagem cognitiva no ensino fundamental. In: PILLOTTO, Silvia Sell Duarte; SCHRAMM, Marilene de Lima Körting. **Reflexões sobre o ensino das Artes**. Joinville, SC: Univille, 2001. p. 80-97.

FERRAZ, Maria Heloisa C. de T.; FUSARI, Maria F. de Rezende E. **Metodologia do ensino da Arte**. São Paulo: Ed. Cortez, 1992. 135 p.

FERREIRA, Maria Goretti Casas Campos. Teatro na educação: o professor diretor. In: PILLOTTO, Silvia Sell Duarte; SCHRAMM, Marilene de Lima Körting. **Reflexões sobre o ensino das Artes**. Joinville, SC: Univille, 2001. p. 140-151.

_____; CINTRA DA SILVA, Silvia Maria. “Faz o chão pra ela não ficar voando”. O desenho na sala de aula. In: FERREIRA, Sueli (Org.). **O ensino das artes**: construindo caminhos. 2 ed. Campinas, São Paulo: Papirus, 2001. p. 139-179.

FRITZEN, Celdon; MOREIRA, Janine (orgs.). **Educação e Arte**: As linguagens artísticas na formação humana. Campinas, SP: Papirus, 2008. 158 p.

KONESKI, Anita Prado. O estranhamento da arte contemporânea. In: ZANELLA, Andréia Vieira et al. **Educação estética e constituição do sujeito**: reflexões em curso. Florianópolis: NUP/CED/UFSC, 2007. p. 79-84.

_____. O “murmúrio” da arte contemporânea. IN: MAKOWIECKY, Sandra; OLIVEIRA, Sandra Ramalho e (Orgs.). **Ensaio em torno da arte**. Chapecó: Argos, 2008. p. 19-34.

LAMAS, Nadja de Carvalho. **Arte contemporânea em questão**. Joinville, SC: Univille/Instituto Schwanke, 2007. 135 p.

LEITE, Maria Isabel. Educação e as linguagens artístico-culturais: processos de apropriação/fruição e de produção/criação. In: FRITZEN, Celdon; MOREIRA, Janine (orgs.). **Educação e Arte**: As linguagens artísticas na formação humana. Campinas, SP: Papirus, 2008. p. 27-36.

MARTINS, Mirian Celeste; PICOSQUE, Gisa; GUERRA, M. Terezinha Telles. **Didática do ensino de arte**: a língua do mundo: poetizar, fruir e conhecer arte. São Paulo: FTD, 1998. 195 p.

MENDES, Adriana; CUNHA, Glória. Um universo sonoro nos envolve. In: FERREIRA, Sueli (Org.). **O ensino das artes**: construindo caminhos. 2 ed. Campinas, São Paulo: Papirus, 2001. p. 79-114.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 2004. 80 p.

NARDIN, Heliana Ometto; FERRARO, Mara Rosângela. Artes visuais na contemporaneidade: marcando presença na escola. In: FERREIRA, Sueli (Org.). **O ensino das artes: construindo caminhos**. 2 ed. Campinas, São Paulo: Papirus, 2001. p. 181-224.

OLIVEIRA, Eliane Dias de. Avaliação no ensino da arte. In: PILLOTTO, Silvia Sell Duarte; SCHRAMM, Marilene de Lima Körting. **Reflexões sobre o ensino das Artes**. Joinville, SC: Univille, 2001. p. 128-139.

PAREYSON, Luigi. **Os problemas da estética**. São Paulo: Martins Fontes, 2001. 246 p.

PELED, Yiftah. Incorporações de performances em projetos de arte. In: LAMAS, Nadja de Carvalho. **Arte contemporânea em questão**. Joinville, SC: Univille/Instituto Schwanke, 2007. p. 65-75.

PILLAR, Analice Dutra. A educação do olhar no ensino da arte. In: BARBOSA, Ana Mae Tavares Bastos (Org.). **Inquietações e mudanças no ensino da arte**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2003. p. 71-82.

PILLOTTO, Silvia Sell Duarte. A arte e seu ensino na contemporaneidade. In: MAKOWIECKY, Sandra; OLIVEIRA, Sandra Regina Ramalho e (Orgs.). **Ensaio em torno da arte**. Chapecó: Argos, 2008. p.35-53.

QUEIROZ, Gregório J. Pereira de. **A música compõe o homem, o homem compõe a música**. São Paulo: Cultrix, 2000. 183 p.

OLIVEIRA, Sandra Regina Ramalho e. Relações entre “linguagens”. In: MAKOWIECKY, Sandra; OLIVEIRA, Sandra Regina Ramalho e (Orgs.). **Ensaio em torno da arte**. Chapecó: Argos, 2008. p. 75-97.

_____. Sobre leitura de imagens. In: ZANELLA, Andréia Vieira et al. **Educação estética e constituição do sujeito: reflexões em curso**. Florianópolis: NUP/CED/UFSC, 2007. p. 37-55.

REY, Sandra. Por uma abordagem metodológica da pesquisa em artes visuais. In: BRITES, Blanca; TESSLER, Elida (Orgs.) **O meio como ponto zero: metodologia da pesquisa em artes plásticas**. Porto Alegre: UFRGS, 2002. p. 123-140.

SANTA CATARINA. Secretaria de Educação e do Desporto. **Proposta curricular de Santa Catarina: educação infantil, ensino fundamental e médio: disciplinas curriculares**. Florianópolis. Cogen, 1998. 243 p.

SCHRAMM, Marilene de Lima Körting. As tendências pedagógicas e o ensino-aprendizagem da arte. In: PILLOTTO, Silvia Sell Duarte; SCHRAMM, Marilene de Lima Körting. **Reflexões sobre o ensino das Artes**. Joinville, SC: Univille, 2001. p. 18-35.

SILVA, Angela Carrancho da et al. **Escola com Arte: Multicaminhos para a transformação**. Porto Alegre: Mediação, 2006. 119 p.

SILVA, Edna Lúcia da; MENEZES. Estera Muszkat. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. – 3. ed. rev. Atual. Florianópolis: Laboratório de Ensino a Distância da UFSC, 2001. 121 p.

STEFANI, Gino. **Compreender a música**. Lisboa: Presença, 1987. 122 p.

STOLF, Raquel. A instalação enquanto situação: entre acontecimentos, proposições, inserções e outros desdobramentos. In: LAMAS, Nadja de Carvalho. **Arte contemporânea em questão**. Joinville, SC: Univille/Instituto Schwanke, 2007. p. 76-85.

XAVIER, Jussara. Dança contemporânea: um corpo de idéias. In: LAMAS, Nadja de Carvalho. **Arte contemporânea em questão**. Joinville, SC: Univille/Instituto Schwanke, 2007. p. 9-19.

ZAGONEL, Bernadete. Descobrimo a música contemporânea. In: LAMAS, Nadja de Carvalho. **Arte contemporânea em questão**. Joinville, SC: Univille/Instituto Schwanke, 2007. p. 39-53.

ZANELATTO, Tatiane. **O ensino das artes e as possibilidades híbridas da arte contemporânea**. 2009. 72 f. TCC (Curso de Artes Visuais) – Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma, 2009.